



CNSN BRASIL

a exposição

Alan Adi SE/RJ Ana Beatriz Barbosa RJ Andrey Guaianá Zignnatto SP
Antonio Junior MS Arlindo Oliveira RJ Biu Cassiano da Cruz PE Bruno
Faria PE Bruno Lyfe RJ Cãmi Soarros RJ Clóvis Aparecido SP Conativo RJ
David Sol BA Diego de Santos CE Emanuel Franco PA Emilliano Freitas GO
Fernando Sawaya RJ Filipe Alves CE Gabriel Bicho RO Gilmar Ferreira RJ Hariel
Revignet GO Hevelin Costa RJ insiranomeaqui DF Ivanildo Ferreira PE Juniara
Albuquerque PE Laboratório Labirinto PE Laila Terra SP Leonardo Lobão RJ
Luis Carlos Marques RJ Mãe Celina de Xangô RJ Mandú e Vicente Baltar RJ
Marcela Bonfim RO Marcus Deusdedit MG Marlon de Paula MG Matheus
Abu RJ Mauricio Igor SC MAYARA RJ MIKA PI Milena Manfredini RJ Novíssimo
Edgar SP Patrícia Ruth PA Paula Sampaio PA Pedro Mota RJ Pedra Silva CE
Pérola/Rafael Pinto RR PH Costa AC Ranieri RJ Régi José PE Renan Soares RJ
Rick Rodrigues ES Rogéria Barbosa RJ Ronald Duarte RJ Thais Iroko RJ Thiago
Haule RJ VANDO RN Washington da Selva BA Ygor Landarin SC/RJ Yoko Nishio RJ

Ministério da Cultura, Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa e Petrobras apresentam



Secretaria de Cultura e Economia Criativa



GOVERNO DO ESTADO RIO DE JANEIRO

REALIZAÇÃO

ESCOLA OFICIAL

RESIDÊNCIA OFICIAL

v-arte



BISTRÔ OFICIAL

PATROCÍNIO OFICIAL



PETROBRAS

REALIZAÇÃO

MINISTÉRIO DA CULTURA



A Casa da Arte Brasileira

Rio de Janeiro
2025 – 26

CRISN BRASIL



A **Casa** da
Arte Brasileira

Rio de Janeiro
2025–26

CISIN BRASIL



CNSN BRASIL

a exposição

Alan Adi SE/RJ Ana Beatriz Barbosa RJ Andrey Guaianá Zignatto SP
Antonio Junior MS Arlindo Oliveira RJ Biu Cassiano da Cruz PE Bruno Faria PE
Bruno Lyfe RJ Cãmi Soarros RJ Clóvis Aparecido SP Conativo RJ David Sol BA
Diego de Santos CE Emanuel Franco PA Emilliano Freitas GO Fernando Sawaya RJ
Filipe Alves CE Gabriel Bicho RO Gilmar Ferreira RJ Hariel Revignet GO Hevelin
Costa RJ insiranomeaqui DF Ivanildo Ferreira PE Juniara Albuquerque PE Laboratório
Labirinto PE Laila Terra SP Leonardo Lobão RJ Luis Carlos Marques RJ Mãe Celina
de Xangô RJ Mandú e Vicente Baltar RJ Marcela Bonfim RO Marcus Deusdedit MG
Marlon de Paula MG Matheus Abu RJ Mauricio Igor SC MAYARA RJ MIKA PI Milena
Manfredini RJ Novíssimo Edgar SP Patricia Ruth PA Paula Sampaio PA Pedro Mota RJ
Pedra Silva CE Pérola/Rafael Pinto RR PH Costa AC Ranieri RJ Régí José PE Renan
Soares RJ Rick Rodrigues ES Rogéria Barbosa RJ Ronald Duarte RJ Thais Iroko RJ Thiago
Haule RJ VANDO RN Washington da Selva BA Ygor Landarin SC/RJ Yoko Nishio RJ



O que é uma casa?

RETOBRAS
Uma casa é um lugar onde se vive, onde se trabalha, onde se estuda, onde se brinca, onde se ama, onde se cresce, onde se envelhece. É um lugar onde se encontra a família, onde se encontra a comunidade, onde se encontra a identidade. É um lugar onde se encontra a vida.

CASA BRASILEIRA
A casa brasileira é um reflexo da cultura brasileira, é um lugar onde se encontra a diversidade, onde se encontra a criatividade, onde se encontra a inovação. É um lugar onde se encontra a história, onde se encontra a tradição, onde se encontra a modernidade.

CASA BRASILEIRA
A casa brasileira é um reflexo da cultura brasileira, é um lugar onde se encontra a diversidade, onde se encontra a criatividade, onde se encontra a inovação. É um lugar onde se encontra a história, onde se encontra a tradição, onde se encontra a modernidade.



Apresentação **14**

Textos curatoriais **37**

Artistas & obras **53**

Créditos **273**



PETROBRAS e CASA BRASIL: a CULTURA

como energia essencial do país

A PETROBRAS tem orgulho de patrocinar a programação da CASA BRASIL, equipamento cultural da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro (SECEC-RJ), instalado em uma edificação histórica de grande relevância para o estado e para o país. Centro de referência para a arte contemporânea, o equipamento abriga exposições, programas de formação gratuitos e, sobretudo, promove experiências que dialogam com o presente e projetam o futuro da criação artística brasileira de forma inclusiva com a participação de grupos diversos da sociedade.

O apoio à CASA BRASIL integra o PROGRAMA PETROBRAS CULTURAL, que promove seleções públicas transparentes e abrangentes, garantindo a incorporação de projetos de artistas e produtores de todas as regiões do país. Concorrendo com cerca de 8 mil projetos na

Seleção Petrobras Cultural – Novos Eixos, a maior já realizada pela PETROBRAS, a CASA BRASIL foi uma das 140 iniciativas contempladas, na categoria Ícones da Cultura Brasileira.

A PETROBRAS acredita que a cultura brasileira é uma energia transformadora, capaz de inspirar, movimentar e impulsionar o crescimento da sociedade. Por meio da programação da CASA BRASIL, a companhia reafirma e celebra seu compromisso com o desenvolvimento artístico e a valorização da diversidade cultural, apoiando iniciativas que promovem a democratização do acesso, a inclusão e a inovação, aspectos presentes na programação da Casa.

Sejam bem-vindos à CASA BRASIL.

PETROBRAS





CASA BRASIL: um espaço democrático de cultura,

formação e transformação social

A CASA BRASIL, nos últimos anos, consolida-se como um espaço plural, comprometido em oferecer à população uma programação gratuita, de alta qualidade e acessível a todas as idades. Por meio de uma direção e curadoria cuidadosas e diversificadas, o equipamento cultural reafirma seu papel como um centro de referência nas áreas das artes, educação e cidadania, acolhendo crianças, jovens e adultos em atividades que estimulam a criatividade, o conhecimento e a convivência.

A continuidade dessa excelência só é possível graças às parcerias estratégicas e ao patrocínio da PETROBRAS, cujo apoio é fundamental para a manutenção de uma programação potente e inclusiva. Esse investimento reflete o compromisso com o fortalecimento da cultura como vetor de desenvolvimento humano e social.

A Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa, em parceria com o SENAC-RJ, ainda amplia sua atuação ao integrar um Bistrô Escola à CASA BRASIL, uma iniciativa que une gastronomia, educação e inclusão social. O Bistrô, em fase de implementação, cumpre um duplo papel: proporcionar experiências gastronômicas de qualidade ao público e fomentar a capacitação de jovens e adultos para o mercado de trabalho, contribuindo para a geração de novas oportunidades.

Outra realização da SECEC-RJ neste ano é o investimento em infraestrutura, que inclui a renovação completa do sistema de ar-condicionado, em fase de implementação. Essa melhoria garante bem-estar, segurança e conforto ambiental para o público e para os profissionais que atuam no espaço, reforçando nosso compromisso com a qualidade na gestão e na experiência oferecida aos visitantes.

Diante dessas ações, a CASA BRASIL reafirma sua missão de ser um polo de cultura, formação e convivência, sustentado por parcerias sólidas e por uma visão de futuro que alia arte, educação e cidadania como pilares de uma sociedade mais justa, criativa e participativa.

Danielle Barros

Secretária de Estado de
Cultura e Economia Criativa



CASA BRASIL é o novo nome da

Casa França-Brasil

Com patrocínio oficial da PETROBRAS, o atual momento da instituição consolida a relação entre a sua identidade e programação. É um nome que reflete de forma mais precisa a imagem que a Casa já cultivava.

O projeto de reposicionamento deste equipamento cultural da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Estado do Rio de Janeiro reúne um grupo representativo de profissionais que pensam as artes visuais e seus diálogos em nosso país. Além de absorver debates atuais ligados à colonialidade, ele motiva, principalmente, aqueles que abordam as questões das identidades brasileiras e fluminenses, apresentando o espaço como um celeiro para refletir essas culturas e a sua relação com o mundo, evidenciando as diversidades brasileiras, com especial atenção para as nuances culturais do estado do Rio de Janeiro.

No primeiro ano da CASA BRASIL, serão realizadas quatro exposições, três cursos livres voltados para a cadeia produtiva da cultura em parceria com a Escola sem Sítio, um Programa Público expandido com visitas, oficinas, encontros, palestras, shows e *workshops* para desdobrar as exposições, além de catálogos, *podcasts*, documentário e um aplicativo voltado para a arquitetura da edificação. Acreditamos que a vocação deste novo tempo será definida em colaboração com o público e os diversos agentes culturais. Por isso, a primeira exposição coletiva vem de uma chamada nacional aos artistas para que, por meio de seus projetos, discutam a antiga e a nova Casa, passeando pelas suas histórias e aspirando futuros. O resultado foi consolidado em CASA BRASIL, a exposição, que, propositalmente homônima, amplia por meio de 57 poéticas e discursos as possibilidades de pensar a Casa.

Já o artista Arthur Chaves, que realiza a primeira individual, apresenta novas maneiras de pensar a pintura, o desenho e a escultura, criando pontes com o teatro e outras artes da cena, registrando o nosso compromisso com a produção fluminense, com a arte contemporânea e com as diversas linguagens artísticas. Finca-se ainda uma bandeira da Casa no Museu de Arte do Rio, assimilando debates da região Norte para pensar o Brasil em uma parceria inédita com aquela instituição, que se tornou uma referência de museu carioca — gestos que representam as brasilidades plurais que tanto evocamos.

Parte do circuito cultural do Centro do Rio, interligada também pela Orla Conde a instituições como CCBB, Centro Cultural dos Correios, MAR e Museu do Amanhã, entre outras, a agora CASA BRASIL abriga a diversidade de povos que nos constituem, convertendo o equipamento em vetor da reflexão e preservação das múltiplas identidades e memórias culturais que compõem o estado do Rio de Janeiro e o Brasil, expoentes da nossa programação.

Para se instituir uma Casa brasileira acolhedora é preciso de moradores, visitantes e vizinhança. Entre e sintase à vontade.

Tania Queiroz
Jocelino Pessoa



CASA BRASIL: um encontro com

a nossa identidade

Iniciado em maio de 2025 e elaborado a muitas mãos, o projeto CASA BRASIL espelha anseios há muito cultivados coletivamente, encontrando nas teorias contemporâneas o eco necessário para as inflexões propostas. Para restituir ao espaço uma discussão sobre brasilidades, partimos da trajetória do edifício — que se confunde com a própria história do país — e adentramos o território do seu entorno. Transformada desde a chegada da família real portuguesa, essa região traz em sua gênese os veios da constituição do Brasil.

Inaugurada em 1820 como Praça do Comércio, a partir do projeto de um arquiteto francês, a construção está impregnada por essa memória. Ela se revela nos detalhes de seus pilares estruturantes, nas pedras coloridas de seu piso e no mistério presente em suas áreas menos conhecidas, como o cofre e a galeria subterrânea. Ao longo do tempo, a

beleza, a simetria e a magnitude arquitetônica sobrepuseram-se à história de seus múltiplos usos — uma narrativa fundamental para a compreensão da nossa própria História.

O resgate dessa faceta esquecida — ou menos compartilhada — guiou o reposicionamento da Casa em direção a um Brasil diverso e múltiplo, que precisa enxergar a si mesmo e rever o seu passado. As primeiras exposições, que estruturaram o novo discurso institucional, abordaram diferentes poéticas artísticas e culturais. Em paralelo, foram oferecidas oficinas, palestras e atividades voltadas ao aprofundamento das interfaces reveladas por esse direcionamento. Somou-se a isso um sólido Programa Educativo e um Programa Público permanente, criados com a missão de tornar a experiência na instituição verdadeiramente significativa.

O sucesso dessa iniciativa refletiu-se na ampla adesão logo após o anúncio das mudanças: um grande número de artistas respondeu às chamadas para exposições e cursos acompanhado por um público expressivo interessado nas demais atividades. Transeuntes, trabalhadores, famílias cariocas e turistas brasileiros e estrangeiros adentram o local atraídos pela nova identidade visual, pelas portas abertas e pela generosa luz natural, prontos para descobrir as novidades deste importante edifício histórico. A partir dessa circulação espontânea e da adesão coletiva, consolida-se uma abordagem mais ampla que valoriza elementos da nossa cultura e identidade. Estabelece-se, assim, com cada visitante, não apenas um

encontro com a arte e a história, mas com o próprio Brasil.

Nesse contexto, a atuação do Programa Educativo tem sido um pilar fundamental da mediação, valorizando a visitação como uma experiência de aprendizado e pertencimento. A preparação da equipe para o atendimento baseou-se na premissa de que a arte só se completa no encontro com o outro — princípio norteador de nossa investigação sobre as brasilidades possíveis. Por isso, buscamos ir além da transmissão de dados históricos e técnicos, incentivando o público a ter autonomia plena em sua trajetória pelo percurso expositivo. Trata-se de uma acessibilidade que transcende a barreira física, propondo que o visitante se sinta “em casa” diante da obra de arte.

Para afastar essa autonomia de uma abstração e aproximá-la da prática, as atividades foram desenhadas sob dois pressupostos fundamentais:

O primeiro se refere à desconstrução da distância. Muitas vezes, o público percebe o museu como um lugar de “verdades absolutas”. Quando subvertermos essa lógica por meio de visitas que incentivam o olhar subjetivo, os visitantes são provocados a encontrar elementos do seu próprio bairro, de sua família ou do seu trabalho nas obras. Assim, percebem que a exposição não é um universo paralelo, mas um recorte de suas próprias vidas.

O segundo adota o cotidiano como chave de leitura. Tendo a rotina como principal vocabulário da mediação, as visitas substituíram as palestras unilaterais por rodas de conversa. Essa dinâmica equaliza o peso da biografia

do visitante com a do artista, validando o repertório que cada pessoa traz ao atravessar as portas da Casa.

Ao final do percurso, o impacto mais significativo não é a memorização de nomes ou datas, mas a mudança de postura. O visitante, que antes hesitava em opinar, passa a questionar, comparar e, acima de tudo, apropriar-se do espaço. Quando percebe que a exposição fala sobre a vida de todos nós, compreende que o centro cultural é um território de direito seu. Essa autonomia conquistada torna-se a semente para o retorno contínuo a este e a outros espaços, com a confiança de quem sabe que a cultura é, antes de tudo, uma construção coletiva.

Em paralelo, por meio de um Programa Público amplo, denso e regular — realizado sempre aos sábados —, a Casa consolidou-se como um centro de debates, oficinas, apresentações musicais e performances que refletem as múltiplas manifestações brasileiras. Os artistas da mostra foram convidados a ativar seus trabalhos na programação, e a massiva visitação confirmou o desejo latente do público por esse reencontro.

A repercussão espontânea e constante na imprensa atestou a aprovação desses novos caminhos, reafirmando a CASA BRASIL como um marco cultural. Graças ao patrocínio da PETROBRAS, foi possível garantir a excelência e a gratuidade da programação, promovendo a democratização do acesso. Desse esforço conjunto, geramos empregos e criamos produtos e subprodutos — como catálogos e podcasts — que agora servem de referência

para o debate sobre gestão cultural e prolongam o aprofundamento das vivências.

A residência artística de MAYARA (Rio de Janeiro) e Pérola/Rafael Pinto (Roraima) promoveu um vital intercâmbio entre o Sudeste e o Norte do país, reforçando o compromisso da CASA BRASIL de atuar como um polo irradiador de pensamento. Ao desenvolverem suas pesquisas em ambos os estados, por meio de trocas e interlocuções com diversos atores locais, os artistas enriqueceram suas produções e as compartilharam com novos públicos. Os pontos de contato entre os dois desdobraram-se em uma convivência expandida pelos territórios, culminando em encontros abertos para trocas coletivas. Ainda em parceria com o Museu de Arte do Rio (MAR), hasteamos a obra *Frete Grátis para todo o Norte, exceto para o Brasil*, de Pérola. A bandeira levou para a Praça Mauá o desdobramento de uma pesquisa iniciada em Roraima, aprofundada na CASA BRASIL e que, agora, flamula hasteada para todos que transitam pelo nosso entorno.

Nos próximos tempos, as ações darão continuidade e profundidade ao movimento iniciado, instituindo diálogos, estéticas e pensamentos que colaboram com as novas formas de pensar o Brasil. Um país que se reconhece, que abre suas portas para a diversidade e que encontra na cultura o seu mais valioso ativo de cidadania.

**Tania Queiroz
Jocelino Pessoa**

The background features a dark green field. A semi-circle of colorful lines (orange, cyan, and lime green) radiates from the top center. Below this, a grid of horizontal lines in the same color palette is arranged in three columns. The text 'O que é uma Casa?' is positioned on the right side of the page.

O que é uma Casa?

Aliã Wamiri Guajajara
Cadu
Marcelo Campos



A CASA BRASIL ambiciona ser lares. Uma comunidade de saberes partilhados, onde os sotaques se cruzam em múltiplas línguas: iorubá, guarani, pajubá, crioulo, português; falatórios que inventam e atualizam encantarias, em que nos reconhecemos como moradores, hóspedes, penetras, visitantes e invasores. Preferimos Arariboia a Villegagnon. Ser casa de arte, em vez de alfândega, mas reconhecemos que há bons perfumes e vinhos na adega dos moradores anteriores. Tudo nosso! Como nos versos da pequena notável: "Paris, Paris, *Je t'aime*, mas eu gosto muito mais do Leme."

Nem toda casa de nascimento é lar. Somos um país de migrantes, despejados e diaspóricos em que as moradias são autoconstruídas por vínculos vicinais. Vira-se a laje. Faz-se a festa da cumeeira. Logo, lar é, em sua essência,

verbo. É plantar, ocupar, resistir, renascer. É aldeamento, aquilombamento, acolhimento. Onde quer que nele pise-mos, encontramos os passos dos que vieram antes e que apontam para onde gostariam que fôssemos. Então, lar é também amanhã, antes do hoje, espiralar, virado para a aurora. Já que precisamos erguer essa nossa casa, convidamos, de Norte a Sul, tecnologias antigas, contemporâneas, delirantes, dissidentes, utópicas e sobreviventes. Para tal e para tanto, um arrazoadado de materiais e modos de viver, incluindo as poéticas das ruas, das biqueiras e das quebradas, mas também das matas, clareiras, areais, ribeirinhas e praianas que por aqui aportaram.

Há quem se enfalda no linho, quem molda o barro, quem escuta o canto dos pássaros, quem acompanha os folguedos, as soluções dos caixeiros-viajantes, as ginguetas. Há quem acredita na feminilidade das coisas. Quem olha o horizonte, em busca dos domicílios celestes nas muitas manifestações do sagrado. Há cheiro de alecrim, alfazema, jurema, breu, convidando o corpo a sentir a casa como cura. Cada erva é memória viva, cada aroma é uma reza que se enraíza ao chão. Há geografias de afetos, verdades costuradas, impressões sobre tecidos sociais. Há fluxos de água e de sangue que atravessam o tempo. Aqui, Exu abre vazante, entre o que foi apagado e o que resiste em ser lembrado. Aqui há de um tudo, e muito mais. Bem mais. Aqui há caminho para quem quer caminhar.

No coração do Rio de Janeiro, banhado pela Baía de Guanabara e a arquitetura neoclássica, naquilo que

já foi ancestral antes do colonizador, o chão histórico se torna fértil. As marés correm por debaixo das pedras do assoalho. Feitas de vozes que ainda cantam, de tradições que florescem e de futuros que se anunciam. Aqui, a arte é o sopro que repara. O corpo é a casa que habita o mundo. E o mundo, por um instante, volta a ser lar.

Bem-vindes à CASA BRASIL.



The background features a dark green field with a series of colorful lines and bars. At the top, a semi-circular arc of lines in orange, cyan, and lime green radiates from a central point. Below this, a grid of horizontal bars in the same color palette is arranged in three columns. The text 'Tantos brasis' is centered in the right half of the page.

Tantos brasis

Aliã Wamiri Guajajara
Cadu
Marcelo Campos



A CASA BRASIL afirma-se hoje como um espaço de produção, reflexão e circulação da arte contemporânea comprometido com a pluralidade dos brasis — suas histórias, territórios, corpos e imaginários. Construir um espaço assim, a partir de sua programação, acaba por definir as relações com um sistema de arte e cultura, mas, sobretudo, com os modos de lidar, receber e compartilhar com o público. Realizar exposições também é oportunizar e se afetar com uma rede de relações que trama com artistas iniciantes e veteranos, reelaborando e ampliando a história da arte. Trata-se, então, de uma redefinição de vocação e de discurso, alinhada aos debates contemporâneos sobre identidade, contracolonialidade, pertencimento, etnicidade e produção cultural situada.

Articulam-se mostras, residências artísticas, ações educativas e cursos livres, a partir de projetos curatoriais experimentais, frequentemente, desenvolvidos por meio de chamadas públicas e processos colaborativos. Ao privilegiar artistas, curadores, pesquisadores e mediadores de diferentes regiões do país, a Casa atua como plataforma de visibilidade, formação e encontro, estimulando a circulação de saberes e a construção de narrativas que escapam a centros hegemônicos e leituras únicas da história da arte.

Desta forma, a instituição reafirma seu compromisso com a arte brasileira em suas múltiplas expressões, deslocando o eixo simbólico para uma perspectiva aberta, crítica e multiplamente enraizada. Aqui, horizontalizamos marcadores, antes, mantenedores das desigualdades artísticas e sociais. Nos interessam gestos, cooperações, geografias entre o popular e o erudito, estimulando tentativas de revogar desigualdades entre linguagens, percepções e experiências. A CASA BRASIL reconhece nosso país como um campo heterogêneo de práticas culturais, atravessado por etnias indígenas, matrizes africanas, populares, rurais, urbanas e experimentais, e assume essa complexidade como princípio. Insistir na exclusividade de uma arte ditada pelos grandes centros seria não reconhecer as fissuras e porosidades do próprio Sudeste como ressonância da diversidade. Com isso, ativamos, na seleção de propostas artísticas, todos os Estados do Brasil.

Mais do que um espaço expositivo, almejamos um campo de pesquisa, onde arte, educação e política se entrelaçam. Um trabalho contínuo de escuta, deslocamento e reimaginação institucional — entendendo a cultura não como representação fixa, mas como processo vivo, em disputa e permanente transformação. Logo, o edifício histórico não é compreendido apenas como suporte expositivo. Sua inserção na tecitura do Rio de Janeiro estabelece um diálogo constante entre patrimônio e práticas contemporâneas, situando a arquitetura como um espaço de mediação entre passado e presente, preservação e transformação.

Nas poéticas selecionadas para a primeira exposição coletiva do espaço redesignado, eclodimos uma plethora de materialidades. São propostas que nos trazem o barro, o chão, a terra, confeccionando esculturas, pinturas e instalações que se afirmam úmidas, insubordinadas ao eterno, ao peregrino. De outro modo, lidamos com distintas possibilidades do bordar tecidos, construindo bastidores que nos mostram os veios dos rios, repetindo a ação até não enxergarmos mais os suportes. A costura, também, se apresenta na construção abstrata de superfícies acolchoadas revestidas pela coloração primária das chitas. A pintura e o desenho se mantêm e se atualizam; na figuração, temos a natureza, a paisagem e a arquitetura ora marcadas pela observação retiniana, ora delirante e fabular. Em tudo, a arte e o poder da imaginação. Os lugares, a todo instante, sobrevivem como convivência, lem-

brança, história. Os lugares negociam tempos espiralares, como nos termos de Leda Maria Martins, do passado atlântico e genocida, dos subúrbios ferroviários, das casas autoconstruídas e sem rebocos, das ruas com mototáxis.

Muitos artistas trazem reclames: "delegacias de casos perdidos", "saudações Guanabara", "compra-se ventiladores com gambiarras", "vendo o verde da Amazônia morrer", "Frete grátis para todo o Norte, exceto para o Brasil", "Mãe cansada". O que faz com que a palavra concorra com a tão rechaçada possibilidade de literalizar uma obra? Aqui, a querela entre poesia e plasticidade, por exemplo, parece nos abrir para outros horizontes de possibilidades. Signos de denúncia se mesclam a signos de encantamento, as ervas que curam, o cais escravagista que adoece.

Entre a indiferença produzida pelo excesso de estímulos e o ruído do consumo de massa, a arte reaparece como gesto de ruptura e reencantamento do olhar. Nesse contexto, CASA BRASIL, a exposição, afirma-se como espaço de reflexão crítica e sensível sobre os muitos modos de ser e estar no mundo. Ao reunir artistas contemporâneos engajados, propõem-se uma percepção integrada e não hierarquizada das obras, ampliando a visibilidade e diversidade dos saberes como resistência viva.



Artistas & obras

| | | | | | |
|--------------------------|-----|------------------------|-----|---------------------|-----|
| Alan Adi | 54 | Hevelin Costa | 140 | Paula Sampaio | 212 |
| Ana Beatriz Barbosa | 70 | insiranomeaqui | 146 | Pedro Mota | 81 |
| Andrey Guaianá Zignnatto | 58 | Ivanildo Ferreira | 77 | Pedra Silva | 218 |
| Antonio Junior | 64 | Juniara Albuquerque | 152 | Pérola/Rafael Pinto | 222 |
| Arlindo Oliveira | 71 | Laboratório Labirinto | 156 | PH Costa | 228 |
| Biu Cassiano da Cruz | 84 | Laila Terra | 162 | Ranieri | 83 |
| Bruno Faria | 90 | Leonardo Lobão | 78 | Régi José | 232 |
| Bruno Lyfe | 94 | Luis Carlos Marques | 79 | Renan Soares | 236 |
| Cãmi Soarros | 74 | Mãe Celina de Xangô | 166 | Rick Rodrigues | 240 |
| Clóvis Aparecido | 75 | Mandú & Vicente Baltar | 170 | Rogéria Barbosa | 82 |
| Conativo | 98 | Marcela Bonfim | 174 | Ronald Duarte | 244 |
| David Sol | 102 | Marcus Deusdedit | 178 | Thais Iroko | 248 |
| Diego de Santos | 106 | Marlon de Paula | 182 | Thiago Haule | 252 |
| Emanuel Franco | 112 | Matheus Abu | 186 | VANDO | 256 |
| Emilliano Freitas | 118 | Mauricio Igor | 190 | Washington da Selva | 260 |
| Fernando Sawaya | 122 | MAYARA | 196 | Ygor Landarin | 264 |
| Filipe Alves | 126 | MIKA | 200 | Yoko Nishio | 268 |
| Gabriel Bicho | 130 | Milena Manfredini | 204 | | |
| Gilmar Ferreira | 76 | Novíssimo Edgar | 208 | | |
| Hariel Revignet | 134 | Patricia Ruth | 80 | | |

Alan Adi

(SE/RJ)

Saudações, Guanabara

Madeira

2025

Saudações, Guanabara transforma uma frase em paisagem. Letras recortadas em madeira formam uma linha sinuosa que ecoa o contorno da Baía — território que assiste a fluxos, retornos e permanências. A obra alude a uma despedida ou a um aceno, como numa carta vinda do ou para o território fluminense. O artista, migrante radicado no Rio, projeta nessa paisagem uma mensagem dúbia, marcada pelo brilho de verniz antigo e pelo afeto geográfico. O título, que já foi o nome de uma cidade-estado, reverbera camadas de tempo e memória. Suspensa entre linguagem e relevo, a frase ondula como o cenário ao redor da CASA BRASIL. Entre o texto e o território, a obra se inscreve como gesto poético de pertencimento e deslocamento — um rito de saudação entre corpo, lugar e história.





C

O

E

S

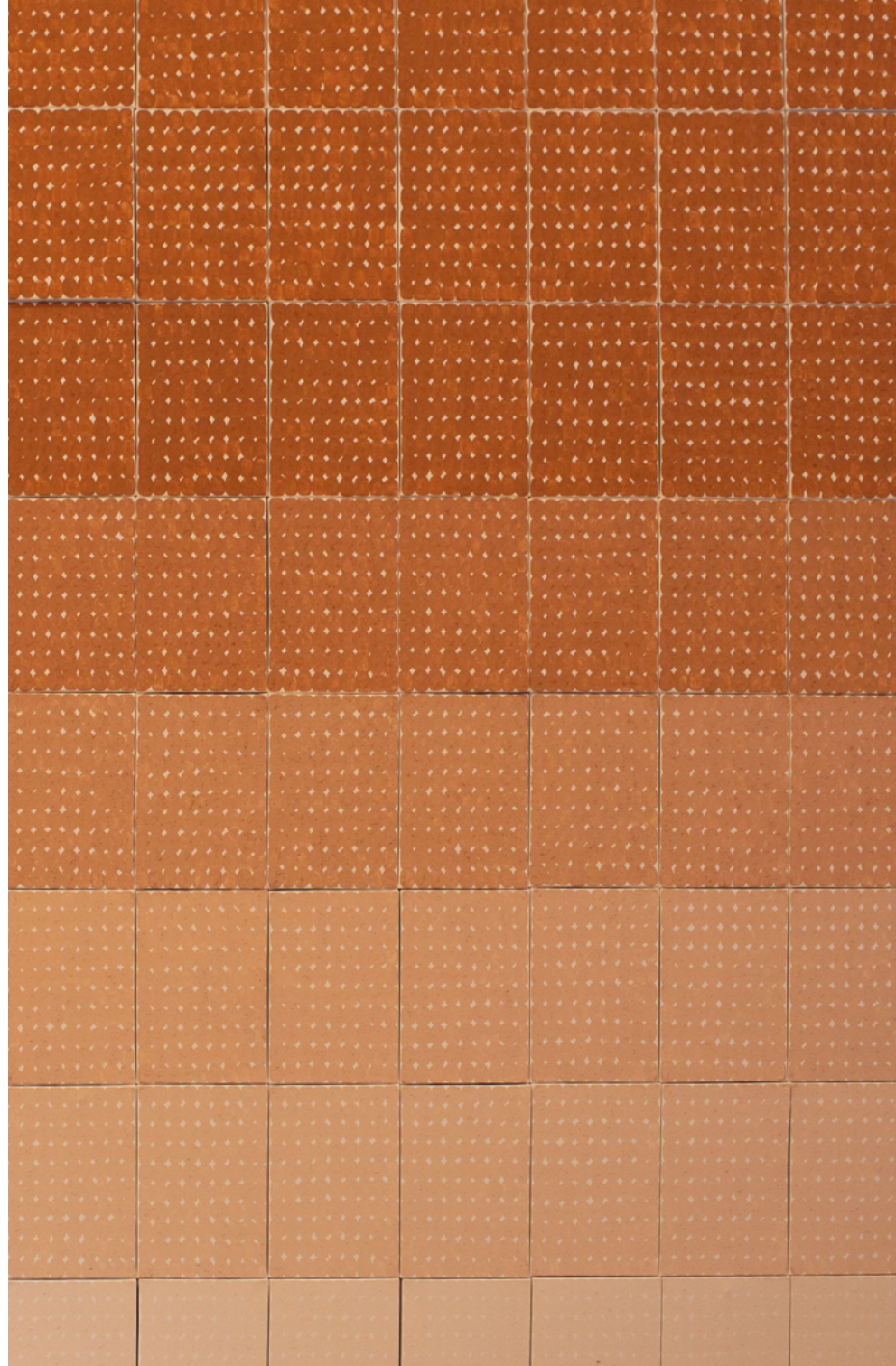
Andrey Guaianá Zignatto

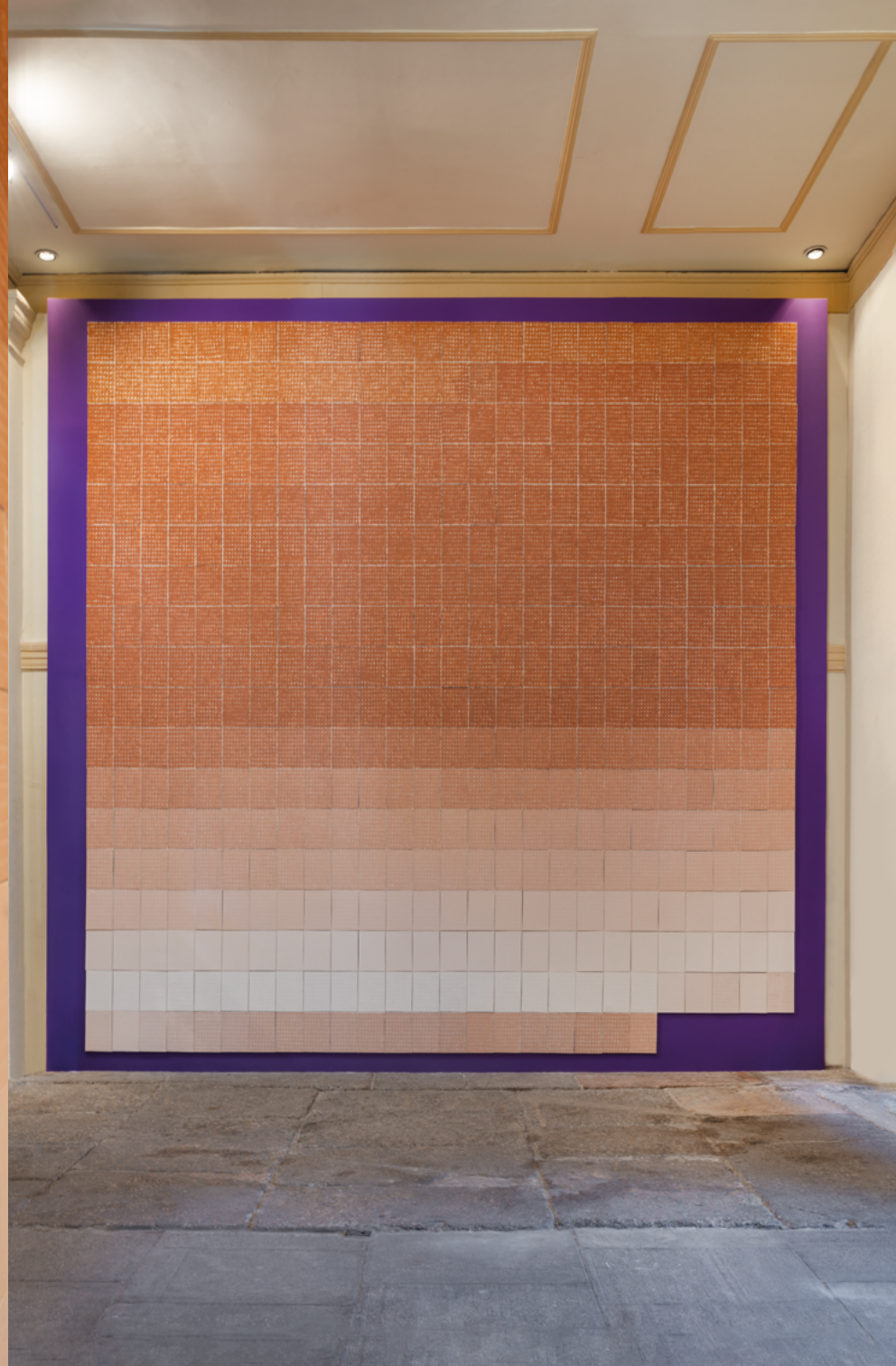
(SP)

9 de julho de 1562

Terra e acrílica sobre tela
2025

No dia 9 de julho de 1562, o território onde hoje se ergue a cidade de São Paulo foi atravessado por um triste evento de violência contra os povos originários da região: o Cerco de Piratininga. Nesse conflito, liderado por caciques como Tibiriçá e Piquerobi, o povo Guaianá enfrentou uma colisão brutal com o projeto colonial de extinção e substituição. O gesto de Andrey nasce como um ritual contínuo de memória, luto e reconstrução: 463 telas — uma para cada ano desde aquele cerco até 2025 — marcadas com a impressão do polegar direito do artista, em tinta feita de barro. A cada ano/tela, um mililitro de tinta branca é adicionado ao barro, simbolizando o apagamento que deveria acontecer gradativamente. A terra vai se esvaindo em brancura até a tela 447, porém, a partir da tela 448, o processo se inverte. Um mililitro de barro retorna, ano após ano, até reencontrarmos, no presente, a busca pela força de nossa cor original. Esse processo cromático não é só uma mudança visual; é a narrativa de uma reexistência.







Antonio Junior

(MS)

Brasilidades sul-mato-grossenses

Óleo sobre tela
2025

As pinturas a óleo em pequeno formato de Antonio apresentam um território de diversidades, memórias e objetos que integram a cultura material das identidades regionais de um país multifacetado — expressões que, por vezes, permanecem invisibilizadas nos grandes centros. O artista traz o campo simbólico e semântico sul-mato-grossense, ampliando modos de vida, práticas alimentares e gestos cotidianos desse território: o tereré com guampa e bomba, o artesanato em osso bovino, o sobá, prato típico de Campo Grande, a chalana, embarcação símbolo do Pantanal, e outras representações eleitas pelo artista formam um olhar atencioso sobre o que é cotidiano e precioso, aproximando realidades sensíveis distantes, mas não por isso dissociadas. Em um tempo de problemáticas emergentes, discutir brasilidade implica tensionar o local e o global, o regional e o nacional, em meio a deslocamentos e cruzamentos culturais.

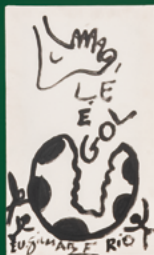
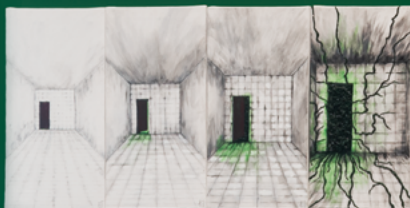






Ateliê Gaia

O Gaia nasce na década de 1990 como um ateliê terapêutico, mas se reconfigura em 2013, assumindo a vocação de espaço de produção coletivo junto ao Museu Bispo do Rosário, reunindo artistas que são ou foram usuários dos serviços de saúde mental.



Ateliê Gaia

O Gaia nasce na década de 1990 como um ateliê terapêutico, mas se reconfigura em 2013, assumindo a vocação de espaço de produção coletivo junto ao Museu Bispo do Rosário, reunindo artistas que são ou foram usuários dos serviços de saúde mental.

Ana Beatriz Barbosa

(RJ)



Galinho

Acrílico sobre tela
2024

Com humor e sensibilidade, Ana Beatriz Barbosa transforma o cotidiano da Colônia Juliano Moreira em pinturas. As obras evocam afetos, paisagens e personagens, revelando uma escuta atenta ao território.

Arlindo Oliveira

(RJ)



Capela

Madeira, metal,
acrílico, vela e
lâmpada
2015

COLEÇÃO:

Claudio de Freitas
e Renato Bezerra
de Mello

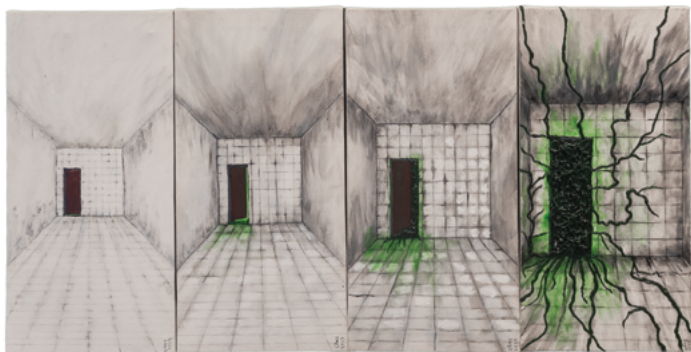
Arlindo integrou o Gaia até seu falecimento em 2024, deixando um legado marcado pela criatividade e engenho técnico. A partir de materiais descartados, criava carros alegóricos, veículos, aviões e arquiteturas, ricos em detalhes e diversidade de materiais.



CAPELA

Cãmi Soarros

(RJ)



Saída

Acrílica, grafite e massa de modelagem sobre tela

2025

A produção de Cãmi revela uma escuta sensível sobre suas emoções. Esculturas e pinturas emergem de camadas emocionais profundas, nas quais forma e textura expressam atmosferas internas sombrias da artista.

Clóvis Aparecido

(SP)



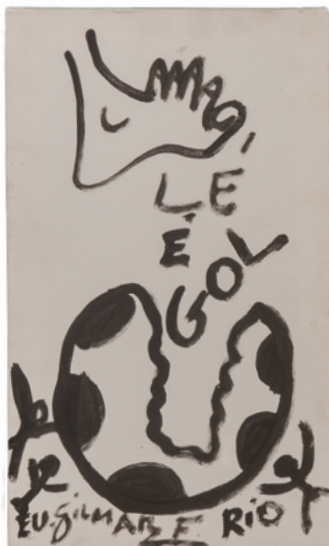
Sem título

Sem data

Aparecido cria esculturas em madeira e concreto que misturam humor, memória e crítica. Veículos ganham adereços inusitados, como frutas pintadas, reencantando o cotidiano com cor e fantasia, entre o peso do real e a leveza do sonho.

Gilmar Ferreira

(RJ)

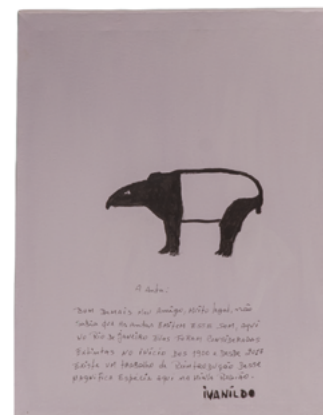


Pelé é gol
Acrílica sobre tela
2025

Gilmar foi um dos primeiros integrantes do Gaia. Suas composições, em traços simples e texto, geram composições bem-humoradas e repletas de sensibilidade. Transita entre o desenho e a pintura, revelando seu modo singular de comunicar.

Ivanildo Ferreira

(PE)



A anta
/ Barco a vela
Acrílica sobre tela
2025

Ivanildo articula imagens da cultura digital, como personagens de desenhos animados e elementos de anúncios publicitários com textos extraídos da internet, criando uma poética crítica sobre o consumo de signos e discursos que nos cercam cotidianamente.

Leonardo Lobão

(RJ)



Aqueduto da Colônia J.M.
Acrílica sobre tela
2025

A pintura de Lobão combina memória, cotidiano e crítica social. Ancorado em vivências na Colônia, o artista transforma em imagem as metamorfoses de um território marcado por histórias de dor, mas também de cuidado e superação.

Luiz Carlos Marques

(RJ)



Fruteira maravilhosa
Acrílica sobre tela
2015

Luiz Carlos transita entre as tintas, a tridimensionalidade, a música e o tricô. Mestre de bateria do Império Colonial e integrante do Loucura Suburbana, é conhecido por suas pinturas com temáticas pessoais e instalações com mandalas de bambu e fios coloridos.

Patricia Ruth

(PA)



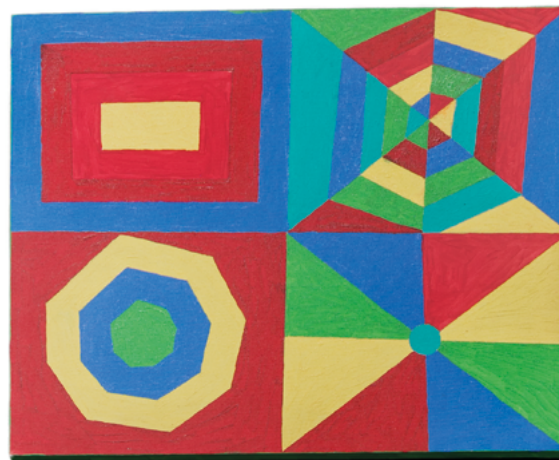
A taberna

Acrílica sobre tela
2024

Patrícia integra o Gaia desde suas primeiras formações. A artista pinta, borda e escreve, refletindo sobre o contexto manicomial e recordações de sua terra natal, Belém. Casas, barcos, rios e animais domésticos se combinam entre memória e invenção.

Pedro Mota

(RJ)



Prosperidade e felicidade em tudo

Acrílica sobre tela
Sem data

Na série *Prosperidade, felicidade em tudo*, Mota constrói ora mandálicas, ora estruturadas em módulos que irradiam otimismo e vitalidade. Suas obras propõem uma percepção do mundo guiada por uma busca estética que celebra o equilíbrio.

Rogéria Barbosa

(RJ)



Tendra, a cura
Acrílica, PVA, lã
e strass sobre
papel kraft
2025

Rogéria é artista visual, escritora, militante antimanicomial e antirracista, além de professora e presidente de honra do bloco Zona Mental. Sua obra transita entre colagem, pintura e desenho, afirmando a potência dos corpos negros, da liberdade e do desejo.

Ranieri

(RJ)



Sem título
Aquarela e acrílica
sobre tela
2025

A produção de Ranieri é um mergulho nas relações sociais e nos mundos imaginários. Seus desenhos, colagens, pinturas e esculturas dão vida a seres fabulosos, expressando liberdade, leveza e um profundo vínculo com o cotidiano e o ambiente natural.

Biu Cassiano da Cruz

(PE)

Uma fábula de Exu

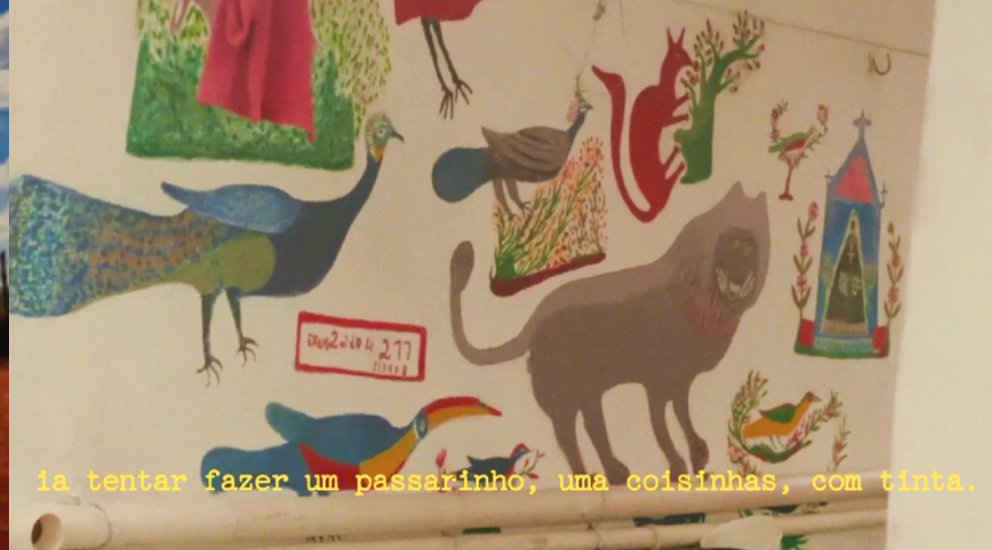
Acrílica sobre telas

2025

O mestre popular e morador de Exu, Pernambuco, inicia sua trajetória na pintura, após se aposentar de uma vida como trabalhador rural. Observador da fauna, representa o que o cerca na região do Cariri. Afrescos e quadros estão presentes em quase todos os espaços disponíveis de sua residência e também de seus entes estimados. Seu lar é um memorial vivo de afetos, sonhos e percepções do cotidiano. A obra de Seu Biu se relaciona de imediato com o imaginário recorrente dos artistas nordestinos que retiram de sua terra a matéria-prima de sua arte. Sua obra parte da admiração e respeito pelos ciclos da vida: ao solo e às rochas, às árvores, suas sementes e frutos, aos animais que por elas passeiam e às aves que voam e cantam. *Uma fábula de Exu* toma como ponto de partida sua extensa produção de pássaros, que o artista viu e imaginou ao longo de seus percursos pelo Brasil.







**Isadora
Gonzaga**

Sem título

Documentário sobre a obra
do avô, Biu Cassiano.

Bruno Faria

(PE)

Introdução à História do Brasil

Madeira gravada a laser e moedas

2022

A obra apresenta um panorama de nossa história a partir de moedas que tiveram sua circulação em períodos distintos no país. Uma iconografia brasileira se constitui a partir de nomes como Pedro Álvares Cabral, Dom Pedro I, Castro Alves e Juscelino Kubitschek; e temáticas como escravo, café, cana-de-açúcar, arara, tartaruga marinha, peixe-boi, pescador e rendeira. Os verbetes que acompanham a coleção foram produzidos com a colaboração de um grupo de estudantes do ensino médio do Colégio Ginásio Pernambucano, durante uma oficina realizada pelo artista. Primeiro colégio em atividade do Brasil, localizado em Recife e fundado em 1825, o Ginásio Pernambucano é uma tradicional instituição de ensino onde estudaram Clarice Lispector, Ariano Suassuna, Joaquim Cardozo e Assis Chateaubriand.



Nascido em uma rica família da elite produtora de café do país, foi um importante dentista e inventor do século XX. Ficou conhecido como o "pai da aviação" ao construir o primeiro avião a levantar voo, batizado de 14-bis. Durante sua trajetória, tentou impedir o uso de sua invenção na guerra. Com tamanho descontentamento ao ver cenas de destruição envolvendo aviões, aos 59 anos tirou sua própria vida.

INTRODUÇÃO A
 HISTÓRIA DO BRASIL

BRASIL

CANAVIELA

PRIMEIRO APOLOGO CANAVIELA
 CC 1548-1570

NOME DO APOLOGO DE CANAVIELA
 CC 1548-1570

JULO BASTOS
 CC16-1980

DEO AUREO RELO
 CC16-1980

CARLOS RELO
 CC16-1980

BRANCA

GEOMETRIA
 PERFEITA

CARL

JOSE DA ARCADEIA
 CC16-1980

YRONOMIA DE NADA
 CC16-1980

RUY BASTOS
 CC16-1980

BRANCA

GEOMETRIA
 PERFEITA

CARL

CAZONA TRINÇA
 CC 1680

IL PRIMO
 CC16-1980

SAO DO RIO BRANCO
 CC16-1980

VERDE

GEOMETRIA
 PERFEITA

PICO-DO

EDUARDO

NACIONAL DEBORA DA
 FORTICA
 CC16-1980

EDUARDO
 CC16-1980

ANACONDA

SALIENDO

BRCA-PORTADA

TALLADO
 CC16-1980

ALVARO
 TAVARRES
 CC16-1980

SAUTIA DEVOIT
 CC16-1980

VERDE

BRANCO

ARARA

DOM PEDRO I
 CC16-1980

NACIONAL
 RUIBATO
 CC16-1980

HERVAL BENTO
 BARBA DUTRA
 CC16-1980

GEOMETRIA
 PERFEITA

BRANCO

TAVARRES-VERDE

JOSE BENEDETO
 DE ALVARA S. RUIB
 CC16-1980

NACIONAL DE LUIS
 CC16-1980

BRUNO VERAS
 CC16-1980

GEOMETRIA
 PERFEITA

BRANCO

LINDO-VERDE

INQUIR DE CAZAS
 CC16-1980

TOMAS BARROTO
 DE VERDE
 CC16-1980

ANTONIO
 ESTRELA
 CC16-1980

VERDE

CASA-DO-ALCANTAR

VERDE-VERDE

Bruno Lyfe

(RJ)

Cenário, presença e voz

Acrílica e óleo sobre tela

2025

COLEÇÃO:

Luís Paulo Montenegro

Bruno Lyfe revisita a história e questiona a memória como campo de disputa política. Suas pinturas emergem após séculos de exclusão e assimetria cultural, problematizando narrativas construídas pelo imaginário branco e elitizado. Ao dar visibilidade a corpos e desejos não normativos, o artista confronta a imagem distorcida devolvida pelo “espelho colonial” e reivindica uma nova autoimagem, capaz de preencher álbuns antes esvaziados. A obra propõe reescrever e perpetuar um legado imagético plural, no qual lembrar não é apenas registrar o passado, mas um ato intencional que molda identidades, presente e futuro.





Conativo

(RJ)

Vitral #2 Camelôs

Acrílica sobre tela

2025

Arte produzida em diálogo com a fotografia de Gabrielle Araujo e a reportagem de Vinicius Macêdo e João Vitor Nogueira sobre os dilemas dos ambulantes nos trens do Rio de Janeiro. Com retrato de Sara Ferreira ao centro.

Nas pinturas de Conativo, o corpo da cidade revela as permanências de um projeto histórico de exclusão. O artista articula estéticas neoclássicas, inspiradas em vitrais religiosos, com a visualidade contemporânea das placas proibitivas do transporte público, criando um choque simbólico entre passado e presente. Suas obras expõem o Brasil em que o abandono é sistemático, onde desigualdades se perpetuam desde a escravidão até o urbanismo excludente. Ao destacar figuras negras, trabalhadores informais e corpos marginalizados, Conativo subverte a herança colonial e devolve centralidade e complexidade àqueles que a história empurrou para as margens, transformando o esquecimento em resistência.





David Sol

(BA)

Beira de guerra

Impressão em tecido
2023

Beira de guerra, de David Sol, é uma bandeira suspensa que atua como dispositivo de memória e denúncia. Através de métodos multidisciplinares, a obra entrelaça arte popular e tecnologias ancestrais para refletir sobre guerras invisíveis e violências simbólicas que persistem nas periferias brasileiras. Forjada a partir da pergunta “Quando essa guerra vai acabar?”, a obra confronta a continuidade do projeto colonial e seus apagamentos. Ao inscrever visualidades e saberes dissidentes no tecido da história, David Sol propõe uma insurgência poética contra o genocídio sistêmico e reposiciona a arte como ferramenta de reconstrução simbólica e fortalecimento identitário das juventudes, sobretudo baianas.





Diego de Santos

(CE)

Lost na região

2020–2022

Diego de Santos apresenta um recorte de sua pesquisa com faixas de ráfia recolhidas nas ruas de Caucaia, Ceará. Utilizadas ilegalmente por campanhas imobiliárias, essas faixas se desintegram sob os fortes ventos da região durante os meses de agosto e outubro, quando a dinâmica eólica no Ceará atinge seu auge, com rajadas que superam os 60 km/h, deixando fiapos coloridos espalhados pela cidade. O artista coleta esses fragmentos — assim como faixas intactas que desmancha manualmente, distorcendo e ressignificando seu conteúdo. Ao reencenar o processo de desgaste natural, sua obra propõe uma sabotagem simbólica ao discurso de expansão urbana, questionando a paisagem, a publicidade e os modos como o território é marcado, apropriado e resistido.



Sem título

Tiras de ráfia pintada
sobre saco de ráfia
2020

Sem taba

Fotografia
2021

Sem entrada

Madeira, acrílica e
pinturas das faixas
de ráfia
2021–2022

6×25 lançamento

Série *Casa pé na areia*; Acrílico
e transferência de pintura de
faixa de ráfia sobre tela
2022

Aqui lançamento

Série *Casa pé na areia* Acrílico
e transferência de pintura de
faixa de ráfia sobre tela
2022

Pertinho do Centro 2

Acrílico e transferência de
pintura de faixas de ráfia
sobre tela
2022

A partir de 2

Acrílico e transferência de
pintura de faixas de ráfia
sobre tela
2022





Emanuel Franco

(PA)

Trajetos da poeira

Lonas coladas e costuradas
2025

Emanuel Franco é artista, arquiteto, curador e diretor do Museu de Arte Sacra (MAS/SIM/SECULT) do Governo do Pará. A afinidade com a temática religiosa gerou uma série de fachadas de igrejas construídas a partir de retalhos de lonas utilizadas para cobrir cargas, que recebe de doações ou encontra durante suas caminhadas à beira das rodovias e que foram provavelmente rasgadas pelo tempo de uso ou pela força do vento. As imagens estabelecem uma ligação entre o sagrado e o cotidiano, através dos materiais e das simplificações adotadas, ao mesmo tempo que inserem um comentário sobre o tempo, impresso na superfície dos tecidos, correspondendo ao desgaste arquitetônico de muitos desses edifícios no sertão.







Emiliano Freitas

(MG/GO)

Ópera sertaneja

57 desenhos em técnica mista
2025

Em *Ópera sertaneja*, Emiliano Freitas se inscreve como encenador em um sertão ficcional, no qual drama popular e tragédia clássica dividem o mesmo palco. A obra opera no entremeio das artes visuais e da cena teatral, explorando memórias afetivas e contradições do gênero sertanejo. A partir da escuta — do rádio à lembrança — e com técnicas diversas, o artista ensaia 57 cenas que atravessam: erotismo, fé, política e paixão, encenadas por personagens híbridos em camas suspensas, rádios gigantes e coristas amarrados em *shibari*. O ponto de partida é o desejo por um talismã perdido, o Muiraquitã do Cerrado, evocando uma ópera pós-dramática na qual o excesso é linguagem. Marília Mendonça, Sérgio Reis e Gino & Geno são reencenados como mitos do imaginário popular. O que resta do amor quando o palco é o próprio Brasil?



Fernando Sawaya

(RJ)

Cotidiano informal

Esmalte sintético sobre papelão

2025

Há mais de oito anos, Fernando Sawaya desenvolve o projeto *Biografias urbanas*, uma das bases conceituais e estéticas de sua produção. A partir de vivências no Rio de Janeiro e de residências em países latino-americanos, o artista constrói um olhar atento sobre territórios, sujeitos e modos de viver muitas vezes invisibilizados. *Cotidiano informal* faz parte dessa sua investigação maior, retratando soluções de exibição de mercadorias de trabalhadores informais — personagens centrais, mas marginalizados no imaginário coletivo. Pintadas com esmalte sintético sobre papelão, material presente nos cenários explorados, as obras tensionam a fronteira entre o visível e o invisível, precariedade e resistência, ampliando a memória criativa urbana.





Filipe Alves

(CE)

A preço de banana

Escultura em resina pintada
e impressão fotográfica
2024

Na instalação *A preço de banana*, Filipe Alves apresenta “bananas fossilizadas” — metáfora visual para denunciar o valor irrisório com que fósseis do Cariri Cearense são traficados para o exterior. Derivado da pesquisa *Mixaria no sertão e ouro no exterior* (2024), o trabalho evidencia a complexa rede de extração e especulação que envolve a Chapada do Araripe, especialmente a cidade de Nova Olinda, Ceará. A obra articula denúncia e fabulação ao abordar os impactos do comércio ilegal de fósseis, e a degradação ambiental causada pela extração da pedra Cariri e os debates sobre repatriação. Alves nos convoca a refletir sobre o patrimônio local como bem simbólico e geológico, criando um campo expandido entre seres, paisagens e narrativas do sertão contemporâneo. As esculturas são acompanhadas de fotografias do artista nestes sítios arqueológicos ou áreas de mineração.





Gabriel Bicho

(RO)

Oferta

Impressões em risografia
2022

Em *Oferta* e *Lute e terra*, Gabriel Bicho convoca o público a refletir sobre os conflitos agrários e socioambientais que assolam a Amazônia Legal nas últimas décadas. O artista propõe um manifesto visual e sensorial sobre os modos de resistência dos povos e territórios ameaçados no Brasil contemporâneo. Em tempos de crise climática, em que se aproxima o dia em que se pagará até pelo ar, a obra alerta para a urgência de sonharmos e agirmos coletivamente. Através da arte, constrói-se uma paisagem de denúncia e de desejo, em que o céu ainda não caiu sobre nossas cabeças, mas permanece suspenso pela força de quem insiste em viver, em enraizar, em transformar.





Lute e terra

Impressão sobre lonita e terra preta

2025

Hariel Revignet

(GO)

Série Da terra e água

Acrílica e sementes sobre tela
2025

Em *Da terra e água*, Hariel Revignet investiga, por meio da autobiogeografia e da axétetura, formas ancestrais de habitar e persistir. A instalação reúne pinturas com grãos selecionados pela artista para evocar a relação entre corpo, memória e território, a partir de cosmopercepções originárias e diaspóricas. A terra se expressa pelas sementes — herdeiras de saberes e forças geradoras da vida — enquanto a água evoca a feminilidade, conectando espiritualidade e ancestralidade afroindígena. Ao romper com a lógica euro-cristã-moderna, a artista propõe novas narrativas fundadas na escuta, no cuidado e na manutenção da vida comunitária. Desses gestos rituais, emerge um chamado à regeneração simbólica e coletiva.







Hevelin Costa

(RJ)

Mãe cansada

Cabide, camisa e ampliação fotográfica
2023

Mãe cansada é um testemunho da invisibilidade do labor maternal e também feminino em uma sociedade em que performar, competir e atividades profissionais se sobrepõem. O cuidado e a criação não são percebidos como atividades de trabalho, apesar de interferirem diretamente sobre o modo como milhões de mães lidam com as exigências de produção dentro do capitalismo; elas são excluídas do mercado ou são obrigadas a delegar a criação a outrem, ou ainda, como na maioria dos casos, acumulam as funções, tornando a rotina verdadeiros ciclos de exaustão.





MÃE CANSADA



insiranomeaqui

(DF/CE)

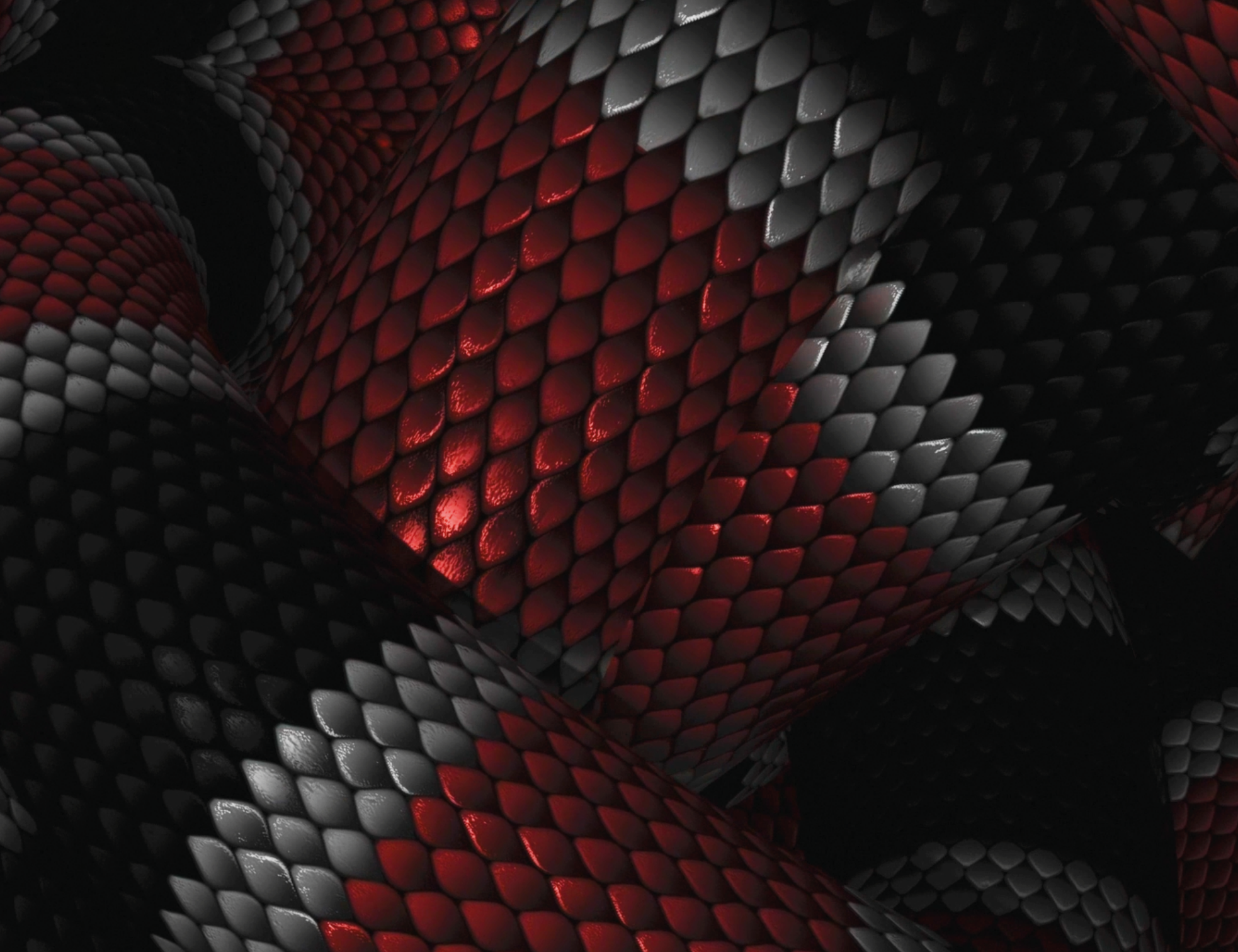
Continente

Televisões, suportes e estrutura
em madeira e palha
2025

A videoinstalação entrelaça mitologias afro-brasileiras e ameríndias, evocando o sincretismo entre Omolu, orixá da cura e da terra, e o caboclo Cobra Coral, guardião das matas e das transformações. O artista aborda a febre como sintoma e metáfora: sinal de crise, mas também de transmutação — do corpo, da paisagem, da espiritualidade. Entre o sagrado e o político, *Continente* propõe a cura como um processo coletivo, transespécie e ancestral, convocando memórias de religiosidades como o Omolokô.







Juniara Albuquerque

(PE)

Estudos sobre ossos

Pintura automotiva sobre ossos animais
2018–2025

Árido 2019

Mandacaru 2019

Indústria da seca 2020

Espinha solar 2024

Foetido Purus 2022

Na série *Estudos sobre ossos*, Juniara funde técnicas industriais com saberes ancestrais ao criar esculturas a partir de ossos de animais cobertos com pintura automotiva. Herdando do pai — funileiro há mais de 30 anos — o domínio técnico do brilho e da cor, a artista transforma o que costuma ser descartado em matéria vibrante. O trabalho propõe um reencantamento simbólico do Nordeste, não como lugar de escassez, mas como território de invenção. A fusão entre o artesanal e o tecnológico ativa novas narrativas sobre memória, desejo e criação, revelando camadas ocultas de beleza nos materiais que nos cercam. As esculturas pairam como corpos entre mundos, operando um gesto poético de transfiguração.





Laboratório Labirinto

(PE)

Típico, contemporâneo

– Caldinho

Carrinho de transporte
de caldinhos e cartazes
2025

A instalação do Laboratório Labirinto propõe uma crítica à folclorização da culinária nordestina, ao inserir o caldinho — alimento popular das praias e periferias recifenses — no espaço expositivo. Através de fotografias, cartazes lambe-lambe e objetos como garrafas térmicas e copos descartáveis, a obra constrói uma cartografia afetiva e política da comida de rua. O trabalho tensiona o olhar turístico que cristaliza o Nordeste em imagens estéticas fixas, destacando o gesto cotidiano de servir como prática de memória. Evocando uma poética das práticas ordinárias, o caldinho se torna performance e documento vivo de um território em disputa. Entre arte relacional, antropologia da alimentação e crítica institucional, a obra convoca o público a reconhecer os saberes periféricos e as microeconomias que moldam o presente urbano da capital pernambucana.







O E INSTALAÇÃO DE SISTEMA DE AR
CENTRAL DE ÁGUA GELADA) NA
A BRASIL
DE JANEIRO - RJ

GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

@millaborants
@missovisk

Laila Terra

(SP)

Geologia abstrata

Terra pilada
2025

Na instalação *Geologia abstrata*, Laila ativa a memória do território, ao inserir esculturas em taipa de pilão, técnica ancestral de construção em terra, nos salões monumentais da CASA BRASIL. A partir do barro compactado, a artista investiga os alicerces históricos e simbólicos que moldam o Brasil, criando tensões entre verticalidade e ruína, leveza e peso, colapso e permanência. As formas geométricas contrastam com o mármore e o dourado do edifício neoclássico, desenhado por Grandjean de Montigny, evocando o embate entre a arquitetura imperial e a matéria do chão. As esculturas operam como camadas comprimidas de tempo, evocando o passado colonial, o comércio atlântico e a construção social do espaço. Aqui, o barro deixa de ser base invisível para ocupar o centro da narrativa.





Mãe Celina de Xangô

(RJ)

Jardim suspenso ancestral

Vasos de fibra de coco, sisal, ervas variadas e terra
2025

A instalação de Mãe Celina de Xangô dá continuidade ao projeto *O poder das ervas*, iniciado em 2016. Valendo-se de saberes ancestrais transmitidos por suas matriarcas, a obra articula arte, espiritualidade e educação antirracista. As ervas suspensas representam a presença viva das mulheres africanas escravizadas que chegaram ao porto do Rio de Janeiro e deixaram como legado o uso das folhas sagradas para proteção e cura. Após sua iniciação no Benin, onde reconheceu as mesmas ervas de sua prática no Brasil, Mãe Celina reatualiza a conexão entre territórios diaspóricos. A instalação propõe um percurso sensorial e simbólico: um abrigo de cura e escuta, onde o público caminha sob as folhas, reencontrando memórias e afetos ancestrais. Um jardim que afirma os saberes afro-brasileiros que ainda habitam e protegem esse território.





Mandú & Vicente Baltar

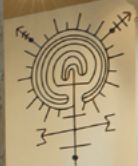
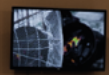
(RJ)

A cada passo desta terra há um cemitério e a novifluência do que há de surgir

Cimento polido, cerâmica queimada, ferro soldado e terra preta fértil
2024

A instalação de Mandú e Vicente Baltar convida o público a circular em torno de um buraco negro simbólico, formado por ovos de cimento polido sobre terra fértil, evocando portais e travessias. As esculturas cerâmicas sobre patas de ferro narram a tensão entre matéria e espírito, nascimento e morte. A obra ativa as camadas históricas da CASA BRASIL, antigo ponto de trocas coloniais, para tensionar os ideais iluministas que moldaram o edifício. Em contraponto, emerge um "horizonte de eventos", metáfora de um tempo em suspensão e transformação, no qual o conhecimento absoluto se esvai. Gravidade e voo, dureza e leveza se entrelaçam em uma atmosfera de gestação, enraizada no solo e projetada ao desconhecido.





Marcela Bonfim

(RO)

Amazônia negra

Impressão sobre madeira

2025

O projeto/série *(RE)Conhecendo a Amazônia negra*, da fotógrafa Marcela Bonfim, traz fotografias que ilustram as mais diversas identidades e culturas presentes entre os povos negros da Amazônia e a importância social das religiões de matriz africana na construção do Brasil. As obras revelam, de maneira sensível e original, as expressões de grupos que habitam a região Norte, como remanescentes quilombolas, afro-indígenas, barbadianos e haitianos. Cada imagem carrega traços e memórias de uma parcela fundamental da população brasileira, ainda pouco reconhecida historicamente. As fotos foram produzidas a partir de 2013, durante visitas feitas por Marcela a comunidades quilombolas, tradicionais, indígenas e urbanas, além de terreiros e festejos religiosos no Vale do Guaporé, Rondônia. Esse processo coincidiu com o próprio reconhecimento da artista enquanto mulher negra, fazendo da fotografia um instrumento de resgate e afirmação identitária. As fotos compõem um importante mosaico da história da Amazônia, revelando a presença negra como parte essencial da alma e da memória do país.





Marcus Deusdedit

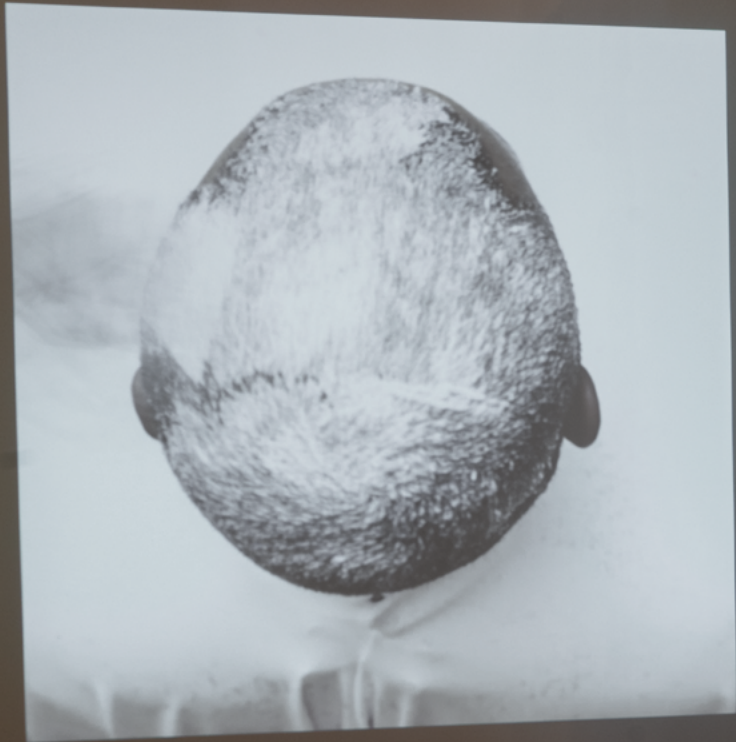
(MG)

Faiçnerie de Choisy-le-Roi

Vídeo
2025

Faiçnerie de Choisy-le-Roi pode ser traduzido como “Fábrica de faiança de Choisy-le-Roi”, fazendo referência a Hte Boulenger & Cie, importante fábrica de revestimentos cerâmicos francesa que atuou entre 1804 e 1955. Muitos de seus padrões podem ser identificados em construções brasileiras, a exemplo dos azulejos presentes nas torres da Igreja da Nossa Senhora da Lapa, no Rio de Janeiro, ou no conjunto moderno da Pampulha, projetado por Oscar Niemeyer em Belo Horizonte. Na videoinstalação de Marcus podemos ver uma reprodução da edição de 1904 do catálogo da Hte Boulenger & Cie, enquanto acompanhamos um dos padrões de azulejos sendo reproduzido em um corte de cabelo descolorido. O trabalho dá continuidade à investigação do artista de estabelecer fricções entre os códigos estéticos de uma arquitetura brasileira pautada em moldes eurocêtricos e os códigos culturais presentes na periferia do Sul global.





Marlon de Paula

(MG)

Rio das Mortes

Fotografia sobre outdoor
e flechas de madeira
2024

Em *Rio das Mortes*, Marlon de Paula transforma um rio em arquivo vivo e testemunha de violências históricas. Impressa em *outdoor* — suporte comum à especulação — a imagem da paisagem é atravessada por lanças, instaurando uma poética de conflito e resistência. O gesto remonta ao massacre do Capão da Traição (1709), quando centenas de corpos foram lançados no leito das águas durante a Guerra dos Emboabas. Entre sangue e barro, a paisagem revela-se bélica e silenciada, ecoando até hoje nas marcas da mineração. Oriundo do Vale do Rio Doce, o artista realiza uma escavação que entrelaça corpo, território e memória.





Matheus Abu

(RJ)

A dialética do salto

Acrílica sobre tela

2025

Em *A dialética do salto*, Matheus constrói uma poética visual onde corpo, céu e sonho se entrelaçam. Suas figuras, desafiadoras da gravidade, evocam o desejo de ultrapassar limites físicos e simbólicos. Ao subverter relações entre corpo e espaço, o artista cria uma experiência de suspensão, que conduz o olhar ao limiar entre o mergulho e o voo. Combinando teatralidade e beleza clássica, suas composições propõem o salto como metáfora de risco, existência e encantamento. Abu, transforma esse gesto em afirmação política e convite poético para imaginar outros mundos — onde o céu é também território possível de liberdade.





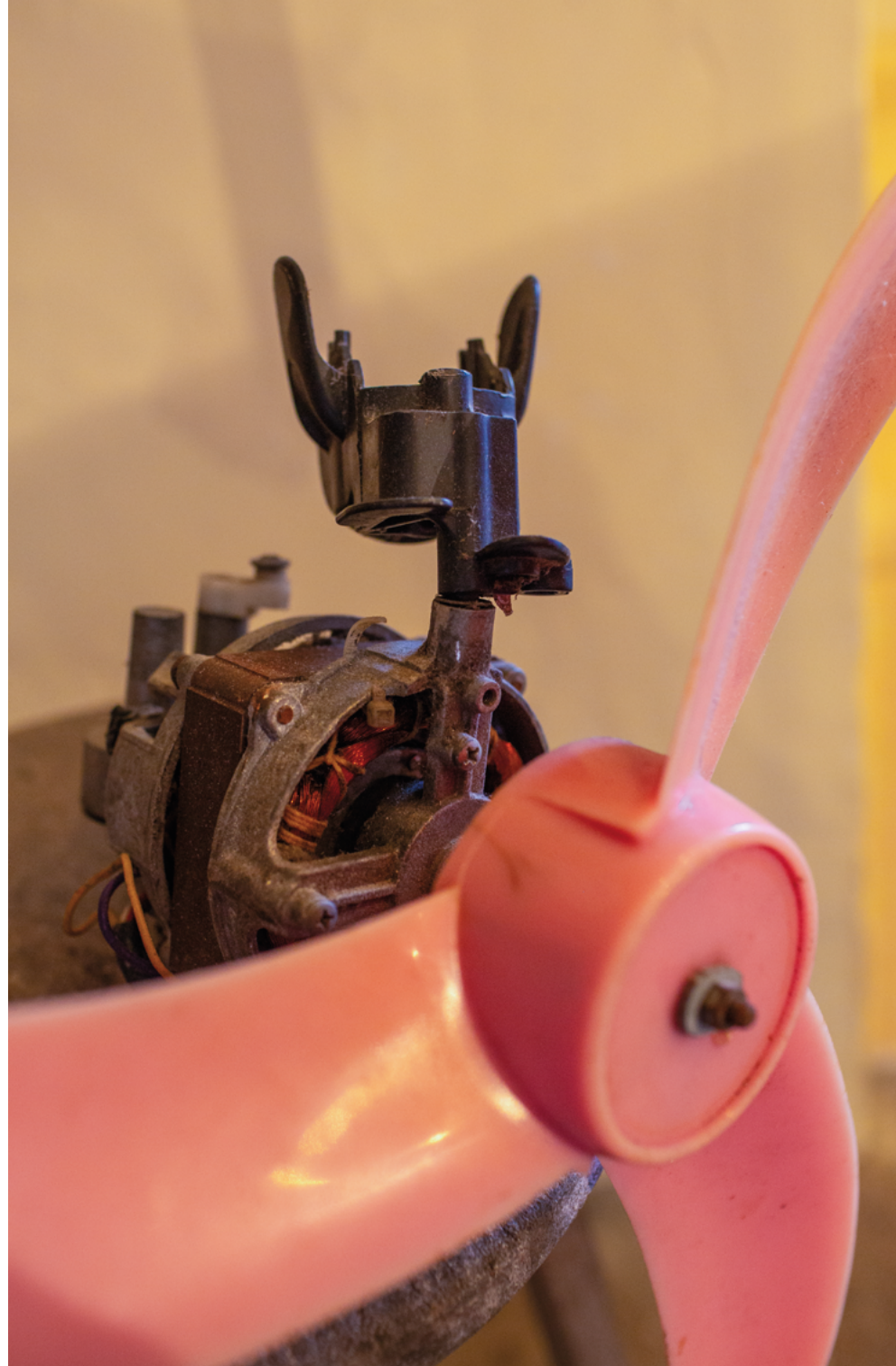
Mauricio Igor

(PA/SC)

Ventos do Norte

Ventiladores, cartazes e vídeo
2025

Ventos do Norte transforma ventiladores precariamente consertados, as chamadas “gambiarras”, em metáforas visuais das estratégias de sobrevivência diante de um cenário de vulnerabilidade. Comum em muitos lares brasileiros, essas adaptações improvisadas falam da resistência que sopra contra adversidades sociais e econômicas. O trabalho teve início com cartazes colados em bairros de Belém: “Compra-se ventiladores com gambiarras e suas histórias”. A partir desses anúncios, surgiram encontros, relatos e objetos que resultaram num filme. A obra integra ventiladores adquiridos, o vídeo com os testemunhos recebidos e cartazes em lambe-lambe, revelando como da precariedade também nascem vínculos, memória e permanência.



COMPRA-SE
VENTILADORES COM
GAMBIARRAS
E SUAS HISTÓRIAS
9 8568-6498

COMPRA-SE
VENTILADORES COM
GAMBIARRAS
E SUAS HISTÓRIAS
9 8568-6498

COMPRA-SE
VENTILADORES COM
GAMBIARRAS
E SUAS HISTÓRIAS
9 8568-6498

COMPRA-SE
VENTILADORES COM
GAMBIARRAS
E SUAS HISTÓRIAS
9 8568-6498

COMPRA-SE
VENTILADORES COM
GAMBIARRAS
E SUAS HISTÓRIAS
9 8568-6498



Boa tarde ainda estão comprando ventilador doido? 🤔🤔 16:00



= mas de quanto é que sai a compra?



COMPRA-SE

VENTILADORES COM
GAMBIARRAS
E SUAS HISTÓRIAS

9 8568-6498

CONTATO (LIGAÇÃO e WHATSAPP)

COMPRA-SE

MAYARA

(RJ)

Círculo II

Chitão, algodão
cru e espuma
2025

Círculo II integra a pesquisa da artista com tecidos iniciada em 2024, especialmente com a chita, material popular em diversas regiões do Brasil, usado em roupas, adornos e utensílios domésticos. Para MAYARA, a chita carrega um valor afetivo e cultural profundo: compõe as saias do Caxambu do Salgueiro, grupo do qual faz parte e que é reconhecido como Patrimônio Imaterial pelo IPHAN. Além disso, a comunidade do Salgueiro, onde reside, abrigou uma antiga fábrica do tecido. A instalação evoca esse imaginário por meio da criação de uma estrutura escultórica fluida, entrelaçando corporeidade e memória. A obra convida à interação sensível, reconfigurando o tecido como linguagem e expandindo sua presença cultural e simbólica no território e na arte.





MIKA

(PI)

As águas são os caminhos

Búzios, conchas, miçangas, pigmentos naturais e sublimação sobre tecido

2024

Caminhos é uma série-reza sobre o direito de pessoas pretas sonharem, cultivarem desejos e aspirações para além da subalternidade. A artista revisita imagens em que corpos negros aparecem em contextos de trabalho precarizado, propondo novas narrativas e questionando: "se não houvesse racismo, quais sonhos poderiam florescer?" Utilizando tingimento natural com cascas de árvores, saber ancestral e medicinal da sua região, MIKA conecta memória, território e ancestralidade. A série investiga práticas afro-indígenas preservadas no cotidiano do Nordeste: a olaria, a pesca, a farinhada. A obra incorpora simbologias da diáspora e da cultura africana clássica, como Ísis, deusa de Kemet, e os adinkras do povo Ashanti, reafirmando a espiritualidade e a potência das mulheres que sustentam essas práticas de cura, trabalho e continuidade.





Milena Manfredini

(RJ)

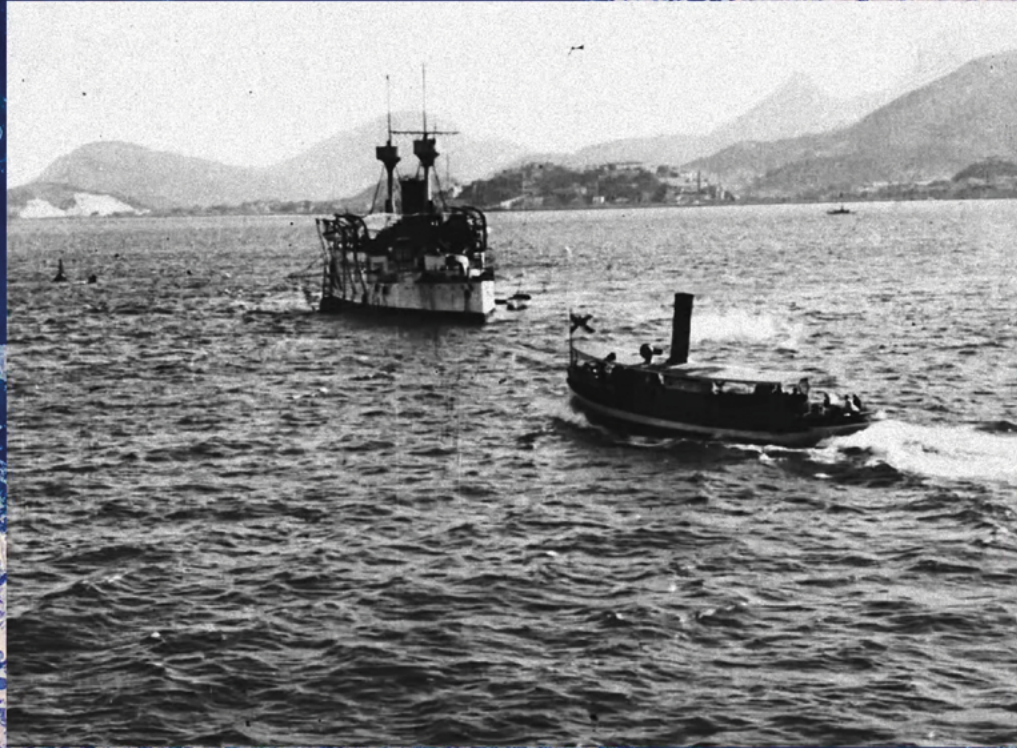
Memórias insubmissas

Vídeo
2025

Memórias insubmissas é um ensaio audiovisual que propõe uma escavação poética das camadas soterradas da história negra na Região Portuária do Rio. A partir de registros etnográficos captados entre 2019 e 2024 e de imagens de arquivo, Milena Manfredini articula memórias invisibilizadas por séculos de apagamentos urbanos e institucionais. O projeto insurge contra as lógicas de “revitalização” que silenciam territórios vivos, evocando objetos resgatados no Cais do Valongo e no Cemitério dos Pretos Novos: búzios, contas, brincos, pedras, como testemunhos espirituais e culturais. Em diálogo com vozes como Mãe Celina de Xangô e Denilson Araújo, a obra convoca o público a escutar o que foi soterrado: histórias de dor, resistência e pertencimento. Em vez de ilustrar o passado, inscreve suas presenças na paisagem sensível da cidade, posicionando-se contra ausências forçadas que ainda moldam o presente.

204





Novíssimo Edgar

(SP)

Tocando tambor para acabar com a dor

Pintura e bordado sobre tecido
2025

Na obra de Novíssimo Edgar, o tambor pulsa como símbolo central de ancestralidade, comunicação e espiritualidade. Através da música, o artista evoca saberes afro-brasileiros e indígenas, resgatando as camadas simbólicas do tambor enquanto instrumento sagrado, presente em rituais de invocação dos orixás no candomblé e na umbanda, e como voz ancestral nas culturas indígenas. Edgar transforma o som em gesto de reverência, meio de preservar práticas culturais invisibilizadas e de celebrar a força espiritual que atravessa os corpos e os tempos. Ao ativar memórias por meio do ritmo, sua obra propõe um espaço de escuta profunda, onde tradição e contemporaneidade se encontram em reverberação.





Paula Sampaio

(PA)

Delegacia de Casos Perdidos

Impressão fotográfica, mesa, cadeira,
máquina de escrever e papel
2016

Iniciado em 2016, o ensaio *Delegacia de Casos Perdidos* é um espaço simbólico de registros de perdas cotidianas que insistem em permanecer na memória. Inspirada pelas rondas policiais vividas como repórter fotográfica, Paula Sampaio cria uma “delegacia imaginária” a partir dos escombros de um casarão centenário destruído por um incêndio. Nesse lugar poético, o público é convidado a preencher boletins de ocorrência de suas próprias ausências: dores, saudades, amores, revoltas. A obra transforma o que seria esquecimento em presença, criando um território compartilhado de afetos, lembranças e escuta. Mais que um arquivo de perdas, a *Delegacia* se torna um gesto contra o apagamento das experiências sensíveis.



DELEGACIA DE CASOS
PERDIDOS

Boletim de Ocorrência [B.O.]
2025



Natureza da ocorrência:
Data:

REMININGTON



Pedra Silva

(CE)

Santuário

Madeira, tela, terra
vermelha, palha e ferro
2025

Com a colaboração de Alana Delfino, Amanda Pereira, Ana Cristina Castro, Ana Maria, Bernardo Kettrup, Bruna Novaes, Helena Rodrigues, Ieda Maria Cristina, João Pedro Cavalcanti de Carvalho, Larissa Guimaraes, Lucas Nunes, Maria Luiza Mattos, Mariah Giuliana Tavares, Matheus Dias, Natália Oliveira, Raquel Oliveira, Thaynnara de Farias Pinto e Wesley Oliveira do Nascimento

Santuário é uma instalação ritual e escultórica composta por três grandes estruturas que lembram formigueiros-de-terra dispostos como um altar-terreiro. No topo de cada escultura, um símbolo adinkra em ferro se ergue como antena entre o visível e o invisível, evocando saberes da diáspora africana. A obra cria um território de escuta e invocação. Não se trata de refúgio, mas de encruzilhada: lugar de convocação, cuidado e rebelião. A terra aqui é matéria viva, gesto e linguagem. *Santuário* propõe um espaço que conjuga o espiritual e o político – acolhendo memórias soterradas, forças ancestrais e potências em movimento da natureza.





Pérola / Rafael Pinto

(BA/RR)

Frete grátis para todo o Norte

Bandeira estampada hasteada no
Museu de Arte do Rio (MAR)
2025

Desde quando o Norte é Brasil

Impressão em vinil
2025

Através da livre interpretação que suas frases propõem — em que afirmação e interrogação se confundem, assim como região e ponto cardeal —, Pérola/Rafael Pinto denuncia as desigualdades históricas e estruturais que marcam o Norte do Brasil. Suas obras operam como manifestações visuais e poéticas que reivindicam justiça territorial, visibilidade e autonomia simbólica para a produção nortista. A artista propõe uma reimaginação de territórios, deslocando olhares hegemônicos e afirmando a suficiência poética, política e simbólica da maior região do país.





RETE GRÁTIS
A TODO O
EXCELENTI
PARA O B.*
PARA O B.

DESDE QUANDO O NORTE É BRASIL



PH Costa

(AC)

A região

Coração do Mundo

Impressão Fotográfica

2024 – 2025

Em *A região Coração do Mundo*, PH Costa reposiciona o Acre e o Vale do Juruá no centro das discussões sobre memória, meio ambiente e justiça climática. Nascido em Cruzeiro do Sul, o artista parte de um olhar ancestral e afetivo para revelar o cotidiano das comunidades que mantêm a floresta viva — cuidando, plantando e resistindo. Suas fotografias recusam o exotismo e constroem uma escuta visual dos povos que fazem da floresta um território de saberes, línguas e espiritualidades. Frente ao apagamento histórico e às políticas negligentes, a obra afirma que a Amazônia não é silêncio, mas voz. E o Acre, embora marginalizado nas narrativas nacionais, pulsa como centro vital do planeta: fronteira viva, berço de ecologias e cultura.





Régi José

(PE)

Série

Vida salobra

Impressão tipográfica sobre
folha molde de costura
2024

Régi entrelaça poesia, traços e memórias para dar forma a um território afetivo marcado por resiliência. A frase *“vida salobra sal de suor sangrado”* se repete como um bordado que costura palavras e vivências. Inspirado na cidade de Salgadinho, no agreste pernambucano, onde o sal está presente na água, no nome e na história, o artista evoca as realidades do trabalho manual enfrentadas por costureiras, bordadeiras e artesãs, como sua avó e tias. As imagens remontam lembranças de infância, revistas de moldes e o chiado do “S”, que atravessa o texto, ativa os sentidos: cheiro, gosto, textura. O artista propõe uma reflexão sensível sobre vidas que, como a água salobra, não são doces nem amargas, mas feitas de resistências que se inscrevem no corpo, na terra e na memória.



Renan Soares

(RJ)

Monumento aos Grandes Vultos

Estátua equestre autômata
em madeira e franjas de
Carnaval pretas
2023

Monumento aos Grandes Vultos, de Renan Soares, parte da crítica à representação histórica oficial. Inspirado na tradição europeia da estátua equestre, ícone dos monumentos dedicados a heróis nacionais, o artista tensiona esse símbolo que celebra figuras brancas e colonizadoras. A obra propõe por meio de alterações na forma, materialidade e construção, uma revisão poética e política desses cânones visuais. Ao deslocar e reconfigurar esse modelo de poder, Renan questiona os silenciamentos e propõe novas possibilidades de memória e identidade, valorizando presenças negras antes subalternas nos monumentos e nas narrativas do país.



Rick Rodrigues

(ES)

Quando morre o rio nasce (acontece) o nosso encontro

Bordados sobre tecido voil
e bastidores de bambu
2025

Na obra de Rick Rodrigues, os rios de João Neiva atravessam memória, matéria e paisagem. Inspirado pelo curso do Piraquê-Açu, que nasce em Santa Teresa, cruza sua cidade natal e deságua no mar de Aracruz, o artista transforma tecidos transparentes em véus líquidos, evocando o fluxo das cachoeiras e riachos que marcam sua infância. Para a CASA BRASIL, propõe um bordado cartográfico que une os rios capixabas aos cursos d'água que deságuam na Baía de Guanabara. Com pontos como o atrás, nó francês e ponto cheio, entrelaça poéticas do bordado e da geografia, destacando rios como Iguaçu, Macacu e Sarapuí. Sua instalação é travessia e afeto: une territórios, rios e corpos pela fluidez das águas e das memórias bordadas.





Ronald Duarte

(RJ)

Brasa, Brasil, braseiro

Videoarte a partir de performance
2025

Ronald Duarte propõe uma experiência sensorial e coletiva a partir do gesto de ativar aromas e afetos. Na abertura da exposição, um círculo de carvão em brasa, com 2,5 metros de diâmetro, tornou-se o centro da ação: o público foi convidado a lançar sobre o fogo ervas como alecrim, alfavaca, louro, artemísia e arruda, entre outras. A fumaça perfumada que se elevou purificou o espaço, aguçando os sentidos e convocando a presença. No calor do braseiro, uma convocação à mistura, à escuta e ao encontro. No vídeo sobre a ação, a diversidade se acende na brasa viva, onde exalar é ritual. Uma obra que ecoa saberes populares e ancestrais, criando um campo poético entre arte, corpo e atmosfera.





Thais Iroko

(RJ)

Obelisco sistema ancestral de alta voltagem

Madeira e falantes

2025

Macumbinha

Peça sonora (com a colaboração de Rai Sinara, Coletivo Ankará – Dansikó e Andressa Moreira)

Iroko propõe uma escultura ritual construída com caixas de som, madeira, falantes e intervenções pictóricas. Inspirada nos tekhen egípcios, a obra subverte o monumento tradicional ao preenchê-lo com pulsação sonora do funk carioca. A instalação é atravessada por toques de atabaque no “ritmo da macumbinha”, vocalizações e poesia falada, evocando práticas musicais afro-diaspóricas e vivências periféricas. O som aqui é ferramenta de memória e arquivo, articulando Kemet e Chapadão. A obra tensiona as narrativas hegemônicas, entendendo o funk como tecnologia comunitária de reconstrução de temporalidades. A artista transforma o obelisco em dispositivo fabulatório, onde som, gesto e espiritualidade reconfiguram a escuta e a presença negra no espaço público.





Thiago Haule

(RJ)

Série

Trabalho, vida

Foices com corte

2024 – 2025

No universo poético de Thiago Haule, as relações de trabalho e os ecos do colonialismo são tensionados como cicatrizes ainda abertas no cotidiano das zonas rurais e periféricas. Suas obras evocam a persistência da exploração e a repetição exaustiva do tempo produtivo que aprisiona corpos e esperanças. Ferramentas recortadas projetam palavras como luta, tempo e vida, confundindo-se entre si e mergulhando o espectador em uma bruma onírica — ilusória, quase fantasmagórica. Ao mesmo tempo em que denuncia, a obra sugere um futuro dessubstanciado, no qual a repetição do esforço não encontra liberdade, apenas cansaço. Entre sombras e luz, Haule transforma objetos de trabalho em monumentos de resistência silenciosa e crítica social.





VANDO

(RN)

Nos fizeram esquecer nosso sopro antigo

Ocarinas de barro
e bancos de madeira
2025

Nos fizeram esquecer nosso sopro antigo propõe um retorno aos encontros ancestrais em torno do fogo, onde o saber circulava junto com o alimento. Oito ocarinas de barro moldadas à mão, dispostas sobre tamboretos, compõem uma roda silenciosa, evocando tanto os rituais esquecidos quanto a urgência de reexistirem. Inspirada nos Tarairius, povo ceramista e nômade do sertão potiguar, a instalação denuncia os apagamentos promovidos por elites locais e perpetuados historicamente. Em um estado onde nenhuma terra indígena é demarcada, a obra convoca o barro como arquivo e fabulação. Entre silêncio e sopro, a instalação cria vestígios do que foi interdito: memórias, territórios, vozes que insistem em retornar. Falar do Brasil é também escutar esses ecos abafados — e reinventar, na arte, as histórias que o país tentou calar.





Washington da Selva

(BA)

Social jungle

Bordado em linho, caixa de acrílico
2020

A coroação #2

Bordado em conjunto EPI de aplicação
de agrotóxicos (touca árabe, camisa, calça)
2025

Formigamentos

Bordado sobre luvas EPI's
2023

Washington costura memórias com linha e tecido. Em *Social jungle*, borda imagens de passantes captadas por sua mãe, convertendo imagens de celular cotidianas em gesto de cuidado. Já em *A coroação #2*, transforma o equipamento de proteção individual (EPI) do agronegócio em relicário da cultura da mandioca, desvelando a violência ambiental e o apagamento dos saberes tradicionais. Em *Formigamentos*, o artista borda formigas cortadeiras em luvas perfuradas, aludindo ao adoecimento causado pelos agrotóxicos. Ao unir o têxtil familiar à tecnologia e à paisagem do Cerrado, suas obras denunciam os impactos do modelo rural hegemônico e celebram a persistência das práticas ancestrais.





Ygor Landarin

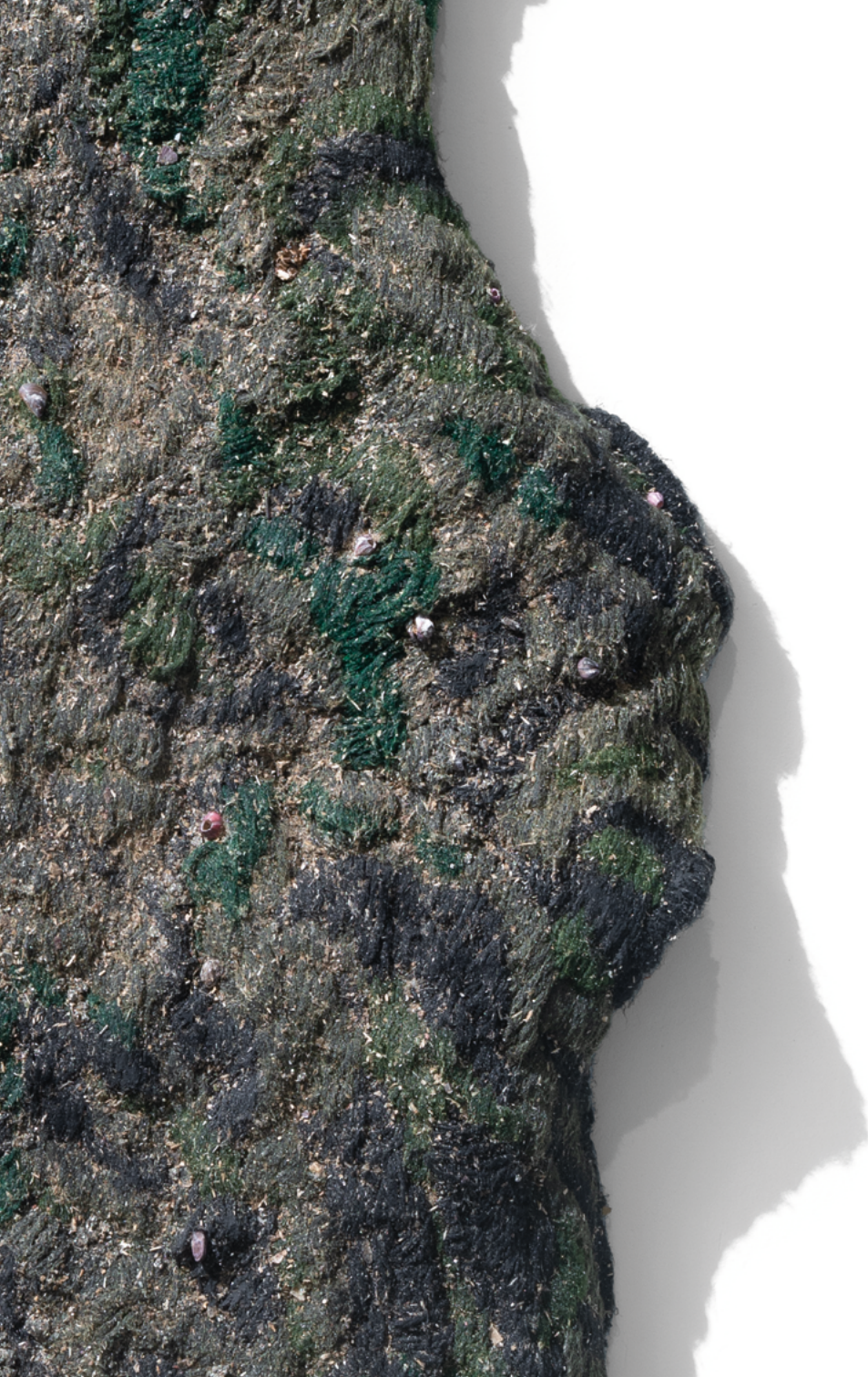
(RS/SC)

Vaso cuia

Erva mate, mexilhões, cracas, fragmentos de conchas, areia, pirita e porcelana fria sobre bordado de lã
2025

Na instalação, Ygor Landarin amplia a forma do vaso, recorrente em sua produção, fundindo-a à cuia de chimarrão, tradicional objeto originado da cabaça. A obra propõe um híbrido que atravessa tempo e território, evocando memórias sensoriais e afetivas ligadas ao ato de compartilhar o mate. Ao integrar aroma, forma e presença, o artista convida o público a ativar vivências pessoais e coletivas em torno dessa bebida ancestral, consumida desde os Guarani e popularizada nas missões jesuíticas. Ao ser pensada para a CASA BRASIL, espaço historicamente marcado pelo encontro de culturas, a obra também dialoga com o passado colonial e a catalogação da erva-mate por Saint-Hilaire, no mesmo local. O gesto de ampliação torna-se um monumento vivo à circulação cultural e às camadas de memória que habitam o cotidiano.





Ouro verde

Erva mate, areia, pirita, fragmentos de conchas, pigmento em pó, resina e porcelana fria

2025

Yoko Nishio

(RJ)

Cruzos da fé

– Cavalgada de Cabuçu

Óleo sobre tela

2025

A partir de experiências autobiográficas, Yoko cria pinturas que refletem sobre deslocamentos territoriais, identitários e simbólicos. Dialogando com pensadoras negras como bell hooks e Gloria Anzaldúa, a artista investiga outras geografias para além das narrativas brancas e eurocentradas. Ao destacar a presença amarela no estado do Rio de Janeiro, marcada desde 1907 por intensas migrações japonesas, a obra propõe fabulações visuais sobre os entrecruzamentos vividos. As pinturas funcionam como lugares de enunciação política e poética, evocando trânsitos entre gêneros, apagamentos e “desaprendizagens”. Ao participar da CASA BRASIL, Yoko reivindica sua presença como afirmação de uma brasilidade plural, construída nas bordas, nos cruzos e nas histórias pouco contadas.





**GOVERNO DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO**

Governador
Cláudio Castro

**SECRETARIA DE
ESTADO DE CULTURA
E ECONOMIA CRIATIVA
DO RIO DE JANEIRO**

Secretária
Danielle Barros

Chefe de Gabinete
Claudia Raybolt

Superintendente de Artes
Cristina de Pádula Cattan

CASA BRASIL

Diretora
Tania Queiroz

Coordenador geral
Jocelino Pessoa

Comissão de curadoria
**Aliã Wamiri Guajajara
Cadu**

**Jocelino Pessoa
Marcelo Campos
Tania Queiroz**

Coordenadores de comunicação
**Renato Costa e
Vozes Agência Criativa**

Coordenadora de educação
Vanessa Rocha

Coordenadora editorial
Daniela Name/Caju

Coordenador de produção
Diego Martins

Coordenador administrativo
Rodrigo Leite

Assessora artística
Carla Maldonado

Assessoras de leis de
incentivo e administração
Mariza Adnet e Inês Adnet

Assessora jurídica
Patrícia Meireles

Assessora de patrimônio
e museologia
Luísa Lacerda

Relator
Ricardo Diegues

Secretária executiva
Thais Sousa

Diretor de arte
Lucas Bevilaqua

Designer
Heitor Alvarenga

Analista de mídias sociais
Adrielle Dantas

Produtora executiva
Olegária Porto

Assistente de produção
Lukas Dantas

Contabilidade
ProjetSolut
Contabilidade e Gestão

Clipadora
Sinopress

Consultor jurídico
Gustavo Martins de Almeida Advogados

Consultora de direitos autorais
Andrea Bolanho

Operações
Karine Eduarda Cândido Aguiar, Marcelo Reginaldo e Thailane Wandin

Manutenção
José Pires e Marcos Felipe Carvalho

Segurança patrimonial
Arlindo Lins, Jorge Luiz Crispim, José Carlos da Silva, Lourival Cavalcante e Marcos Aurélio da Silva

PROJETO CASA BRASIL

Idealizadores
Jocelino Pessoa e Tania Queiroz

Realização
V ARTE

EXPOSIÇÃO

Projetada e realizada pela equipe da **CASA BRASIL**

Curadores
Aliã Guajajara Wamiri, Cadu, Jocelino Pessoa, Marcelo Campos e Tania Queiroz

Expografia
Leila Scaf

Cenotecnia
Nivelar Cenografia

Cenotecnia de obras
Brenno de Castro, Pedro de Castro e Polim Sheik

Iluminação
Antonio Mendel – Espaço Luz

Montagem
KBedim Montagens e Produção Cultural

Museologia
Bruna Lustosa, Ramon Oliveira e RYS Conservação e restauro de obras de arte

Acessibilidade
Vox Nostra

Impressão *fine art*
Thiago Barros Arte Lab.

Molduras
Moldurax e KBedim Montagens e Produção Cultural

Transporte
Millenium Transportes e Davi Nascimento

Seguradora
Howden Brasil

Sinalização
Ginga Design e Vexel Design

Revisora
Jadelice Souza

Tradutora
Elisa de Paula

PROGRAMA EDUCATIVO DAS EXPOSIÇÕES

Participantes do curso *Experiência em mediação cultural*:

Alana Rodrigues Delfino, Amanda Louise dos Santos Pereira, Ana Cristina de Castro Alves Cavalcanti, Ana Maria Indio do Brasil Abias, Bernardo Neves Kettrup de Carvalho, Bruna Ribeiro Novaes, Gabriel Monteiro do Espírito Santo, Helena Rodrigues Oliveira, João Pedro Cavalcanti de Carvalho, Larissa Pinto Guimarães, Marcos Vinícius Firmino Pereira, Maria Luiza Bertizzolo Janot de Mattos, Mariah Giuliana Tavares de Souza, Matheus Dias Marins, Natália Oliveira Cristóvão da Silva, Raquel da Silva Oliveira, Thaynnara de Farias Pinto, Vânia Caroline da Silva Saraiva, Wesley Oliveira do Nascimento

CATÁLOGO

Projetado e realizado pela equipe da **CASA BRASIL**

Organizadores
Aliã Wamiri Guajajara, Cadu, Jocelino Pessoa, Marcelo Campos e Tania Queiroz

Coordenadora editorial
Daniela Name / Caju

Projeto gráfico e diagramação
Lucas Bevilaqua

Coordenador de comunicação
Renato Costa

Revisora
Jadelice Souza

Fotografias
Carla Maldonado Vicente de Mello

Editora
V ARTE

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Casa Brasil, a exposição / [organização Jocelino Pessoa de Oliveira], Tania Queiroz ; curadoria Aliã Wamiri Guajajara ... [et al.]. — 1. ed. — Rio de Janeiro, RJ : V Arte, 2026. — (Casa Brasil)

Vários Autores.

Outros curadores: Cadu, Jocelino Pessoa, Marcelo Campos, Tania Queiroz

ISBN 978-65-994694-3-5

1. Arte contemporânea – Brasil 2. Artes 3. Artes visuais 4. Centro cultural 5. Exposições – Catálogos I. Oliveira, Jocelino Pessoa de. II. Queiroz, Tania. III. Guajajara, Aliã Wamiri. IV. Cadu. V. Pessoa, Jocelino. VI. Campos, Marcelo. VII. Série.

26 – 342464.0

CDD – 730.981

Índice para catálogo sistemático:

1. Artes : Brasil : Exposições : Catálogos 730.981

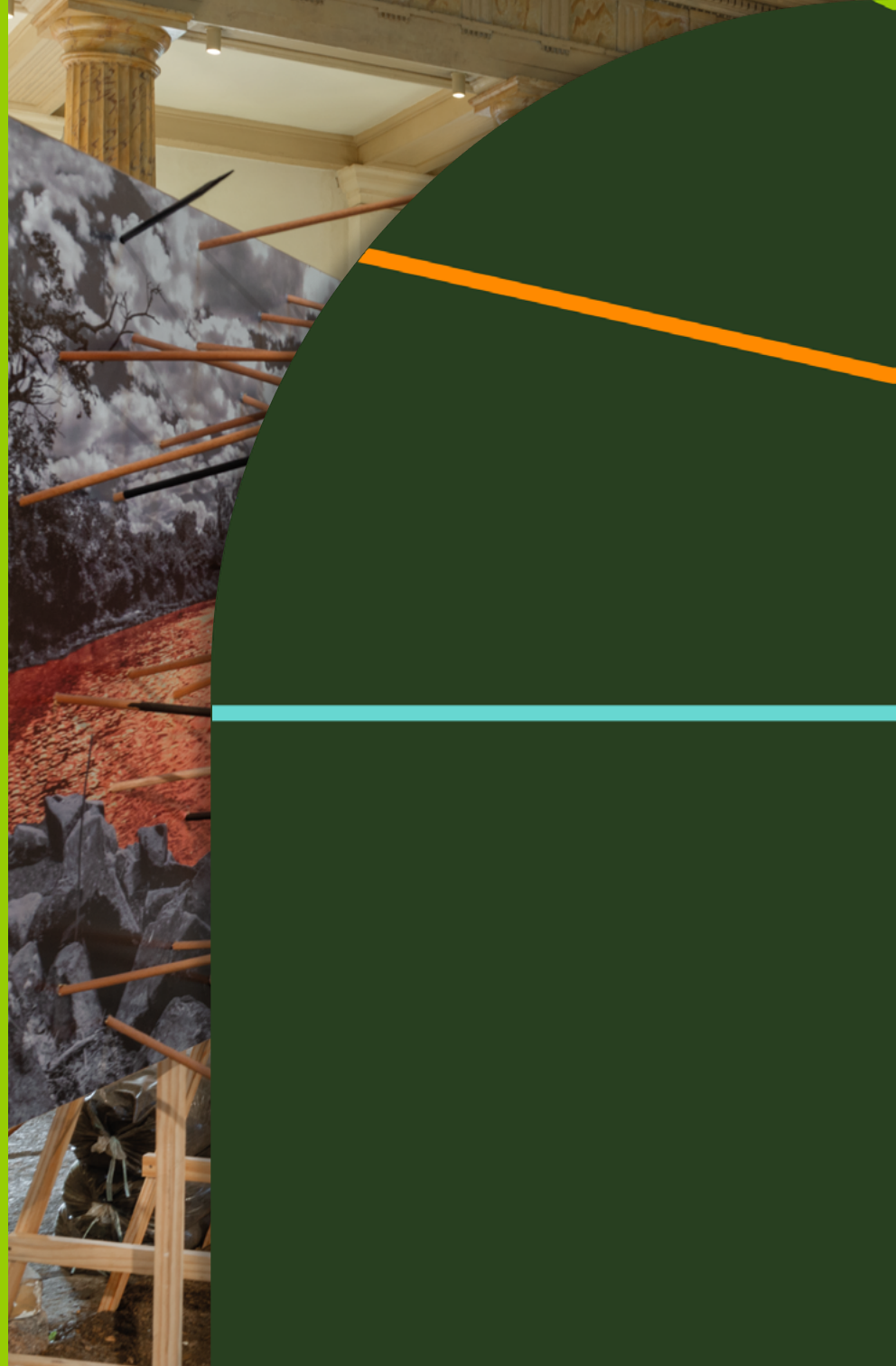
Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB 8/7964

Papel: **Offset 120g**

Fonte: **Zetkin (Inga Plönnigs)**

Impressão: **Grafitto**

Tiragem: **1.000**



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Casa Brasil, a exposição / [organização Jocelino Pessoa de Oliveira], Tania Queiroz ; curadoria Aliã Wamiri Guajajara ... [et al.]. — 1. ed. — Rio de Janeiro, RJ : V Arte, 2026. — (Casa Brasil)

Vários Autores.

Outros curadores: Cadu, Jocelino Pessoa, Marcelo Campos, Tania Queiroz

ISBN 978-65-994694-3-5

1. Arte contemporânea – Brasil 2. Artes 3. Artes visuais 4. Centro cultural 5. Exposições – Catálogos I. Oliveira, Jocelino Pessoa de. II. Queiroz, Tania. III. Guajajara, Aliã Wamiri. IV. Cadu. V. Pessoa, Jocelino. VI. Campos, Marcelo. VII. Série.

26 – 342464.0

CDD – 730.981

Índice para catálogo sistemático:

1. Artes : Brasil : Exposições : Catálogos 730.981

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB 8/7964

Papel: **Offset 120g**

Fonte: **Zetkin (Inga Plönnigs)**

Impressão: **Grafitto**

Tiragem: **1.000**



COSM BRASIL



Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

REALIZAÇÃO

ESCOLA OFICIAL

RESIDÊNCIA OFICIAL

BISTRÔ OFICIAL

v - arte



PATROCÍNIO OFICIAL



PETROBRAS

REALIZAÇÃO

MINISTÉRIO DA
CULTURA



DO LADO DO POVO BRASILEIRO